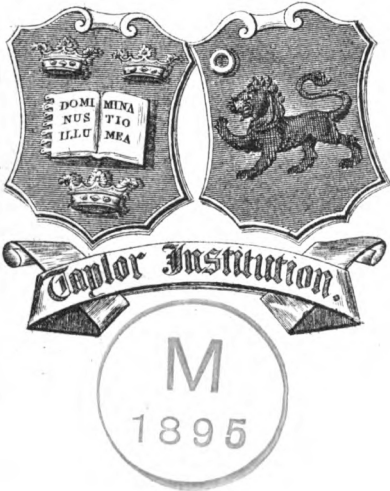
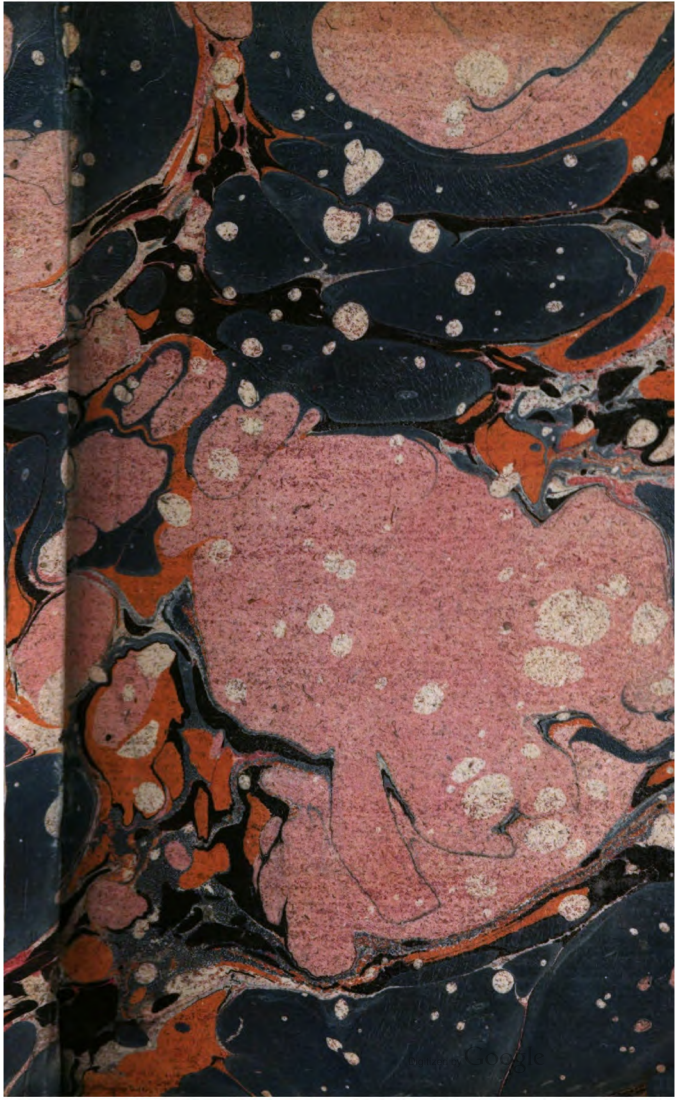




276 c 29

H. 123.





2 Vols
4/6

900
—
155

MUSA SUBLIMIOR
NATURA INTERPRES



LUIS RAFAEL
SOYÉ

Front. et p. Ter. de Barr. inv.

Digitized by Google

G. Frois sc.

CARTAS PASTORIS
DE
MYRTILLO
ESCRITAS A' SUA LYRA
N A A U S E N C I A
DA PASTORA ANARDA
DEDICADAS
AO JLL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR.
HENRIQUE JOZE'
DE CARVALHO E MELLO,
CONDE DE OEIRAS MARQUEZ DO POMBAL,
Do Conselho de Sua Magestade, Gentil-Homem
da Sua Real Camara, &c. &c. &c.
P O R
LUIS RAFAEL SOYE'.

Mudança de lugar menos de estado.

Não muda hum coração do seu cuidado. *Cam.*

T O M. I.



LISB. Na Offic. de Felippe da Silva, e Azevedo:

Anno M. DCC. LXXXVII.

Com Licença da Real Meza Censoria.



Gostozas são as lembranças
A hum peito namorado,
Quando vive acompanhado
De gostozas esperanças;
Mas quando tristes mudanças
O tem em pontos mortais,
As lembranças cansão mais.

Silvia de Lizardo. Fr. Bernardo de Brito.

A QUEM LER.

S Aõ os Prologos hum anticipado remedio aos achaques dos livros, porque andaõ sempre de companhia os erros, e as desculpas. Eu por hora me desvio do caminho trilhado, naõ quero perdaõ de nada, quem achar, que dizer naõ me perdoe (nem será necessario encomendalo) se me notarem o livro de roim, naõ negaraõ, que he breve, e escrito em lingua Portugueza, que tantos engenhos modernos ou remem, ou desprezaõ, como filhos ingratos ao primeiro leite, servindo-se de vozes estrangeiras, por onde passaraõ como hospedes, sem respeito á aquellas veneraveis cãs, e ancianidade madura de nossa linguagem antiga.

Jacinto Freire d' Andrade vida de D. Joaõ de Castro.

*Muito ob Poeta o engenho póde darte
 Mas muito mais , que o engenho o
 tempo , o estudo
 Não queiras de tilogo contentarte. (a)*



ONVENCIDO desta verdade entre-
 gueime sem reserva á lição dos
 Autores , que julguei mais ca-
 pazes de me conduzir , e ani-

mar nas deficeis , e escabrosas ladeiras do
 Parnaso , á cujas graciosas Divindades offe-
 reço culto desde os meus primeiros annos.

Naõ me foraõ porém o uzo , e lição
 dos Metastafios , e Hesiodos obstaculos para
 ou-

(a) Ferr. cart. 12. l. 1.

outras applicações por mais serias , menos
 aprasiveis a que me não quis furtar. Hoje
 deleitame Pietro Lupi , mas D'Alambert
 ensiname : as extravagantes , e piquenas pro-
 duções , que as liberaes Imprenhas abortaõ
 me persuadem cada ves mais de que = (4)
 De bem escrever , saber primeiro he fonte
 o que taõbem Francisco de Sá , e Miranda
 confirma n'h uã carta escrita a Joaõ Rodri-
 gues , de Sá , em que lhe dis claramente ,
 que = Tudo sem saber , he nada.

Os talentos podem fazer hum Catulo
 hum Gesner , porém nunca dar aos sabios
 hum Lucrecio , nem hum Rosset (aos La-
 vradores. Homero , e Virgilio devem as
 coroas , que o mesmo tempo lhes conserva
 frescas , aos grandes conhecimentos sobre
 que levantaraõ os solidos edificios , que os
 eternizaõ. Os Poetas ignorantes saõ huns
 de-

(u) Ferr. na mes.

debeis copistas em todo o tempo. (a)

Conforme o que a mesma razãõ approva, houve primeiro campos desertos, que Povoaçoens, Aldeias, que Cidades, e por conseguinte os homens foraõ primeiro Pastores, que politicos, de donde se tira, que as Pastoraes foraõ os Primeiros versos, que no mundo se cantaraõ cujo principal objecto foi certamente o amor como paixão, que com o homem tinha nascido: Os rios, os arvoredos, os troncos, as penhas testemunhas constantes de seus amorozos excessos, foraõ sem duvida invocados primeiro, que as lavradas pedras, ou fundidos bronzes, que ao depois, já prevaricados chamaraõ Deozes.

Tendo pois sido a ameroza paixão, o objecto dos primeiros versos, que nos campos se cantaraõ, parece, que a Bucolica deve

(a) Les Poetes ignorans sont toujours de foibles Copistes. *Cardinal de Bernis.*

deve ser julgada a Poezia mais terna como a mais susceptivel de sentimento; a mais amena, supostos os quadros campestres, com que a deve ornar a imaginação do habil Poeta; Estas duas atendiveis qualidades de mãos dadas a levaõ a lisongear, e atrahir a mocidade; pois todos por propria esperiencia se podem convencer de que os homens antes souberaõ amar, que aborrecer; primeiro foraõ amantes, que fanaticos, ou crueis: Maria primeiro desejou ver o rosto de Felippe segundo, que a Cranmer na fogueira. Já o barbaro Nero, tinha gemido nos braços de Papeia, quando na abrazada capital de seu infelis Imperio dispos agradavel painel á sua ferõs brutalidade,

Estas reflexoens, o genio, e a idade; me obrigaraõ a que naõ encordoando a tumultuosa, desordenada Lyria de Petronio, e deixando com ella a estrondosa confusão dos banquetes, em que os modernos Vite-
lios,

lios, ou Trimalcioens se alienaõ; fosse para os campos tocar entre mansas ovelhas á sombra pendente dos Loireiros, e Frexos a natural, e aprazivel Lyra de Teocrito, a cujo suave som, naõ cahia nos copos escumando o roxo licor, que Acetes ministrava; mas ao meu ver, os ventos se accalmavaõ, detinhaõ-se os ribeiros, as faias mais erguidas curvavaõ seus verdes ramos para ouvirem os versos ternos dos Pastores, cujas singelas ideias, e naturaes conceitos delde logo me attrahiraõ de sorte, que o Amador, e Agrestes de Bernardim; o Melibeo, e Alpino de Bernardes me entretinhaõ, e agradavaõ mais, que os reprovados Anjos de Mylthon, os Centauros, e Pithoens de Tasso; ou o Spectro de Ugo-lino, e as mais quimeras vans, que abortou a monstruosa imaginaçaõ do vate Protector do partido Gibelino, (a) com a liçaõ
gra-

(a) Seria para dezejar, que estes homens ricos

graciosa ; e simples de Francisco Rodrigues Lobo cheguei a esquecer-me de mim mesmo , o que nunca me acconteceo lendo os furores de Rolando , ou as avarias de D. Joaõ de Austria.

Lidos os nossos Autores, e sentindo-me ainda pouco satisfeito, saltei a barreira, e passei a examinar nos Estranhos os que mais se tem distinguido neste genero de Poesia ; os descuidos d'huns, e os erros de outros ao mesmo tempo, que me animavaõ convenceram-me da razaõ com que Horacio, querendo exagerar a raridade, e excellencia deste precioso dom, julga necessario para se alcançar com justica, e merecer dignamente o Illustre nome de Poeta, a posse nativa d'hum engenho, d'hum entendimento, em que brilhe a Divin-

de talentos os tivessem delirado menos.

vindade (a) e disto persuadidos os Romanos chamaraõ sempre vates a seus Poetas. Nosso Ferreira esclama.

Dom dos Ceos dado à terra , oh raro

Dom. (b)

Dom Divino, Dom raro quam baxo anda. (c)

Ceguei com gosto a achar nos livros, que além dos nossos folheei as fontes , onde muitos , ou para melhor dizer a maior parte escavos em criar , foraõ colher ideias , julgando erradamente serlhes mais decoroso o entrarem mascarados no bando dos brancos Cyfnes como a Gralha de Phedro carregados de alheios despojos, do que entre elles com gloria , e proveito da literatura cantar dignamente menos , porém melhores versos.

Além desta utilidade, que tirei da li-
çaõ

(a) Carta 4. do 1. liv.

(b) Carta 11. do 1. liv.

(c) Arte Poet.

gaç constante dos Poetas mais cultos, que
 revi como quem escrevendo ainda neste
 genero dezeja felismente tocar huma Lyra,
 a cujo grato som.

As lindas Garças, os fieis amores,

As virtudes gentis dos Ceos baxarab (a)

Observei, que assim como os Pasto-
 res amantes de Fr. Bernardo de Brito, de
 Garcilaso, Walsh, Sanazaro, Gefner, Des-
 Houlieres, e Moscho falaõ diferente lin-
 guagem, pensaõ tambem de diverso modo:
 todos seguem as preocupações, e costumes
 nacionaes, deque jamais se afastaõ; esta re-
 flexaõ fes-me largar o erro, com que in-
 consideradamente me havia familiarizado:
 cheguei a persuadirme, que o Pastor dos
 contornos de Sygan, (b) pensaria como o
 Marcello do Padre Soto, que nos campos
 do

(a) Garçaõ. Ode 14.

(b) Cidade da Chinã em 126. grãos de longitu-
 de, e 35. 50. lat.

do Bethis chorava pela Pastora amada, convenciam-me, que sendo huma a natureza, e huma a paixão, que os Pastores mais geral, e particularmente cultivavaõ o Myrson de Byon, sympathizaria nas suas ideias com o Castalio de Ferreira; a Marsida de Jorge de Monte Mór com a Pastora do Languedoc, que nas margens frescas do Garona canta os versos, que seu Pastor lhe ensina, em quanto a seu sabor pasta o gado; e que o Menalca de Virgilio devia nos sentimentos ser analogo ao Palemo de Fontenelle; mas felismente achei, que todos nos seus discursos caracterizaõ seus respectivos paizes: Myrson he suave, Melanca judicioso, Marsida leve, Castalio terno, sofo Monsieur Palemo.

Com estes conhecimentos já menos escrupuloso fiz o meu Myrtillo Portuguez, pois foi o caracter, que mais me agradou, e como na paixão amorosa todos se davaõ as mãos, quiz antes com o maior numero fazer

zer

ter meu Pastor amante, do que fingilo Po-
litico com Francisco Rodrigues Lobo, ou
Santo com Fr. Agostinho da Cruz; e Balta-
zar Estago, pois para o ser nunca julguei
precizo alterar a Poesia, profanando a sem-
pre respeitavel Divindade, a quem deve-
mos antes amar, que escrever insulas, e
inconsequentes Eclogas.

Vendo, que em todas as Nações, e tem-
pos os Poetas bucolicos fizeraõ não só,
que os seus Pastores fossem naturaes nas
suas ideias, singelos nos seus discursos,
mas que os obrigaraõ constantemente a se-
rem simplicies até na propria linguagem;
cujá pureza nunca perderaõ de vista, ra-
zaõ, por que nos Gregos Latinos, e nos
mais, que se seguiraõ a Poesia campestre
adptou, e se apropriou d'huma fraze solta,
e corrente com certa colleção de termos qua-
si teenicos, de cuja branda, e variada fig-
nificação se serve: vendo que =

Do-

Do que se antigamente mais prezavaõ

Todos os que escreveraõ , foi honrar

A propria lingua , e niso trabalharaõ:

Cada hum andava pela mais ornar ,

Com copia , com sentenças , e com arte

Com que podesse d'outras triunfar.' (u)

Conhecendo a precisaõ da sã lingua-
gem , e proprio estilo nas poesias campres-
tres ; assentei , em que Myrtillo havia de
escrever à sua desgraçada Lyra as magoas ,
que soffria ausente da Pastora amada , com
a frase de Bernardim , de Fr. Bernardo ,
de Francisco Rodrigues Lobo , e d'os mais ,
que com os versos oçtavos a fazem mais
corrente : e para verificar o melhor , que me
fosse possivel , esta minha taõ justa determi-
naçaõ , naõ só li estes exemplares , mas ex-
trahi delles todos os termos ; de que vi fa-
ziaõ particular uso : excluindo porêm to-
dos , os que hoje seriaõ para a maior parte

Tom. I.

B

dos

dos leitores desconhecidos por nimiamente antigos, ou desuzados, como estes de Francisco Rodrigues = *Brial tinha leonado*

Capirote azul pombinho.

Além destes exclui todos os mais, que como fatal herança nos deixaraõ alguns Escritores apostatas venaes da propria lingua, que cedendo a huma rasteira, e vergonhosa adulaçaõ servilmente quizerãõ lisongear os futuros tiranos de seus netos; corrompendo a lingua mãi, a pura lingua de seu pais natal, com os redundantes termos, viciando-a com o prolixo estillo, e endurecendo-a com a violenta fraze em que D. Francisco de Velasco lamentava fugindo ver perdido o que hum acaso lhe dera: no principio autorizado por alguns escritos, que lia menos escrupuloso, e inocente decorava tinha adoptado muitos vocabulos, que ao rever as minhas cartas risquei, por telos tambem encontrado nos versos de Luis de Gongora, de Boscan, de Garcilaso

luf-

ſufficiente fundamento, para ſupolos intruzos, e por conſequinte develos aſtaſtar de huma lingua, que para ſer rica não precisa de alheios theſouros.

Aproveitemos das linguas eſtranhas aquelles termos, de que inda carecemos, cuja expreſſão não poſſamos remediar ſenão recorrendo á prolixa circumlucução: *aſſomar* verbo (a) Eſpanhol, ſirvo-me delle, pois além de ſer expreſſivo, não temos com que remediar a ſua falta; mas nunca approvarei que por triſteza, eſcrevamos triſtura, por dançar, bailar, nunca verei com goſto desprezados os nossos termos em obſequio ás linguas eſtranhas.

Parece-me, que devo fazer notar a quem ler eſtas reflexões, que com ellas protege a lingua Portugueza na idade de vinte ſeis annos, hum Eſtrangeiro educado em Por-

B ii

tu-

J luego ſe aſſomo ſu Senhoria. — Por los balcones de la Aurora fria. — *Viage del Parnaſo. Por Miguel de Cervantes. Sea vedra*

tugal onde reconhecido se acha nos seus escritos forcejando por favorecer huma lingua, que injustamente alguns dos nossos chamaraõ pobre, querendo com huma taõ clara impostura justificar os damnos, que lhe haviaõ feito viciando-a: outros com a mesma vergonhosa desculpa, chamaraõ-lhe dura; autorizando esta blasfemia, com que a si mesmos atentavaõ, com os versos da Henriqueida, sentenciando taõ leves, e injustos, como os tiranos da literatura em França, que por verem a dureza dos antigos versos passaraõ precipitados a attribuir á propria lingua os defeitos, descuidos, e omissoens dos Poetas: porém assim como Racine, e Voltaire manejaõ-a com mais delicadeza, e arte lhe restituiraõ o perdido credito, e cultivando-a cuidadosos a indemnizaraõ da recebida, injusta offensa, e desmerecida infamia, assim os nossos bons Portuguezes lendo os immortaes versos do respeitavel, e nunca assis chorado Garçaõ, concluirãõ com a nossa erudita D. Bernar-

da Pereira de Lacerda, que a lingua Portugueza he doce; canta no seu Poema a Hespanha libertada, falando ao seu Paiz.

*Confesso de tu lengua, que merece
 Mejor lugar despues de la Latina
 Com que em muchas palabras se parece;
 Y es como elba de toda historia digna:
 Empero el ser tan buena la escurece,
 Y asi la estranã gente nuncaatina
 Com su pronunciacion, y dulces modos
 Y la Espanõla es facil para todos.*

Julga a desleal Portugueza, que satisfaz a offensa, com que leza a sua ligitima Patria escrevendo n' hum idioma estranho; por chamar, e enaugurar a lingua, que ingrata abandonou, por legitima filha da Latina, querendo á perda da latinidade attribuir a energia, que a lingua Portugueza sempre reconheceo por propria.

Esta oitava convencer-nos, de que ella seguia ás cegas esta entre nós já antiga, e a raigada preoccupaçã: se chamaõ á nossa
 lin-

lingua filha da Latina por se acharem nella alguns termos deque Hortensio , e Cicero se serviraõ ; deste mesmo titulo se pôdem munir todas as mais linguas hoje vivas ; pois como a lingua Latina conseguiu universalizar-se , depois na desmembração do Imperio dividiu-se em tantas porções , quantos fo: aõ os retalhos , em que os barbaros cortaraõ a bandeira do immenso estado , que Venus protegia.

Todas as naçoens adoptaraõ termos , que appropriaraõ com damno sensível , e quasi irreparavel das linguas nacionaes : o espirito de novidade com detrimento dos proprios termos , lançou maõ dos Latinos : de abundancia , se servio Tito Livio , Julio Cesar , e os mais Escriitores do Lacio , e se a nossa lingua he filha da latina por servir-se d'elle tambem , devem gozar desta mesma filiação a Ingleza , a Hespanhola , a Franceza , e a Italiana , que o conservaraõ : demais se basta a huma lingua para chamar-se herdeira

ra

ra de outra , o lançar mão de seus termos ; a nossa lingua deve igualmente chamar-se filha da Franceza pois escrevemos *chapeo* , quando os Francezes com pouca mudança escrevem *chapeau* : e pela mesma razão de todas as mais ; pois da maior parte tem palavras semelhantes , e muitas vezes as mesmas , com pouca , ou nenhuma alteração : damno , que pelo ordinario vem ás linguas dos máos traductores , cujos indisciplpaveis descuidos huma prejudicial facilidade cano- niza : pronunciamos vocalmente com os Ita- lianos , matar com os Hespanhoes ; matrimo- nio com os Inglezes , neste termo tambem se encontraõ com os Hespanhoes , e Italianos

Destes e de outros infinitos vocabulos , que podia apontar , devemos concluir , que to- das as linguas mutuamente se emprestaõ pa- lavras , com que se viciaõ ; lezaõ , que po- diaõ mui bem os Escriitores ter evitado se em lugar de mendigarem servilmente alheios termos , se tivessem dado ao trabalho
de

de os formar , ou criar de novo , enriquecendo fieis a primitiva sempre respeitavel linguagem : e se ao menos se contentassem com buscar nos estranhos os termos , que nos faltaõ , mais lugar havia para a dilculpa : mas tomara ver justificado com solidas , e convincentes razões o fatal , e ridiculo abuzo com que hoje descubertos repetem gages , em lugar de penhores , e prejuizos por preoccupações.

Nos meus versos , quem os ler com attençaõ mais de huma vez achará termos desconhecidos , que formei , ou criei autorizado naõ por Horacio , mas sim pela precizaõ , unico Juiz , que em semelhantes materias consulto : antes quero formar seixal de seixo , termo nosso , que hir buscar o faxum dos Latinos para dar aos Portuguezes faxatil como fez o Camoens. (a)

Em primeiro lugar julgo indispensavelmente necessario o estudo da lingua , a quem dezejar , senaõ diga de seus versos , o que

(a) Egloga 6.

com Bernardes , digo hoje de alguns , que me vem á mão , pois como elle.

Eu li já versos , que para entendelos

Compria ser Merlim , ou Nigromante .

Ou andar com Apollo aos cabellos.

E o peor he , que por mim mesmo de dia em dia fico disto mais convencido , e me convenço de novo , quando passo pelos olhos o meu Poema amatorio , o sonho Erotico , que imprimi , no qual por ser o fruto de meus primeiros annos , não fui tão exacto na linguagem , como hoje o seria , e além disto como nelle me propuz dar à nossa Poesia hum novo gosto ; a viveza , e colorido de seus novos traços , fez-me ser menos escrupuloso na linguagem. Já ! que a occasião se me offerece , direi destes meus primeiros versos em portuguez , o que dos seus na sua lingua por acaso me disse hoje o presseguido Horacio Frances , João Baptista Rousseau , no seu Prologo,

„ Sem fazer alarde de huma affectada
mo-

„ modestia, posso affirmar, que depois,
 „ que se dicio o publico a falar de meus
 „ versos; nem a approvaçã de muitas pes-
 „ soas Illustres, que repetidas vezes dese-
 „ jaraõ ouvilos, nem os forçados louvores
 „ dos novos, difficultosos Aristarcos, que
 „ me fizeraõ o obsequio de me naõ julgarem
 „ indigno de seu máo humor; nunca me
 „ puderaõ inspirar aquella favoravel op-
 „ piniaõ taõ natural aos Auctores, quando
 „ imprimem: e apezar do cuidado com que
 „ prezentemente joeiro os meus versos,
 „ confesso de boamente, que rara vez me
 „ succede ficar delles satisfeito.

„ Tambem, longe de julgar, ou que-
 „ rer seja altamente louvada a resistencia,
 „ que oppuz ás instancias com que meus a-
 „ migos me perseguiraõ até fazer-me ceder
 „ à imprensa confesso, que na minha re-
 „ sistencia tanta foi a vaidade, quanta a mo-
 „ destia, e póde ser, no cazo, que me fora
 „ possível, nunca teria cedido a dar que fa-
 zer

„ zer aos Impressores , bem certo , de que
 „ hum Escriitor amigo de huma solida
 „ gloria , reconhece sempre curta a vida pa-
 „ ra della gastar a metade em criar , e o
 „ resto em corregir o seu livro.

„ Mas o que até aqui seria moderação
 „ digna de louvor : Hoje em mim seria in-
 „ sensibilidade sem escuza : supposto o es-
 „ candaloso abuzo , que huma corja de pre-
 „ occupados velhos , e Poetas invejosos
 „ com as envenenadas linguas fazem cada
 „ dia de meus versos , á sombra de minha já
 „ culpavel indiferença.

Robertson diz , expondo a frieza com
 que as propostas de Colombo (em todo sen-
 tido fataes á precioza especie humana ,)
 eraõ recebidas na abusada Corte do Ca-
 tholico Fernando , e da enganada Izabel ;
 digna de compaixão pela dura , e fatal as-
 cendencia que sobre o seu cetro , e animo ,
 tinhaõ tomado , Medina Cidonia , Medina
 Coeli , e os mais amigos de Lenzoli : diz Ro-
 ber-

bertzon, (a) que a ignorancia , e a pusilanimidade de mãos dadas , gritaõ sempre de quem emprhende : que he grande presunção n'hum particular , o julgar-se só possuidor de conhecimentos superiores aos adquiridos pelo resto dos homens. Se de mim , que naõ prometto augmentar os mapas , descobrindo terras novas , mas sim dar á nossa literatura generos de Poezia entre nós desuzados , e alguns como os Dithyrambos , pelo novo toque , novos em toda a parte : se á vista de meus versos a ignorancia se servir da mesma inconsequente fraze , naõ conseguira abalar-me , se naõ quando algum de seus mais queridos alumnos (pois saõ os que nos perseguem) no mesmo tom , em que me proponho tocar , me exceder no canto , entoando mais dignamente. Escrever melhor , sempre foi , e será o mais ferio , e util modo de criticar.

Tornando ao deixado assunto : deve aprender primeiro que tudo , bem a nossa lin-

(a) Hist. da. Amer. tom. pag. 111.

gua, quem nella se propuzer ser Autor, para além de escrever dignamente, conhecer melhor na sua riqueza a injustiça com que a offendemos, e danificamos, mendigando estranhas palavras, com desprezo das proprias, que ou por ignorancia deixamos esquecidas, ou por humra culpavel pedanteria envilecemos. Menos extravagantes, e mais fieis ao Egoísmo nacional; forcejemos por não entrar no grande numero, de que já hoje infelizmente se compõem aquelle povo barbaro de quem diz Ferreira. =

*Qual será aquelle povo tão perdido,
Que a si não seja mais afeiçoado,
Que a outro estranho, e pouco conhecido.*

Sustantivemos os verbos; dos nossos já conhecidos legitimos termos proprios, formemos resolutos os verbos, que nos faltaõ, para evitarmos as insipidas circumlocuções; lembrados, de que os verbos são os que enriquecem, e consolidaõ mais as linguas, pois simplificando-as as facilitaõ.

En-

Enriqueçamos a nossa lingua dando-lhe aquella energia de que ella he capaz, e assim poremos hum obstaculo á vaidade, comque em ludibrio nosso, e das mais naçoens os Francezes já se lisongeião de fazer universal a sua lingua, e levantar-lhe o tro-no sobre as ruinas das outras, que desgracadamente se vem pelos seus mesmos sacrificadas. Sejamos taõ amigos da nossa lingua, que possamos dizer.

*Ditoza lingua nossa, que estendendo
Vais já teu nome tanto, que seguro,
Inveja a toda outra ira fazendo. Fer.*

Depois de conhecer a grande obrigação, em que está o Poeta de proteger, e cultivar a lingua, passei a examinar as regras, que nas suas artes lhe presentaõ Aristoteles, Horacio, Vida, Boileau, Marmontel &c. e de todas a que mais me agradou foi a do eloquente Autor da historia da lamentavel destruição do imperio dos infelizes Incas: por ver nella, que a habil pena, que a escre-
vera

vera não fora movida por homem pertencente ao *servum pecus* de que Horacio mostra: quiz *Marmontel* apartar-se do trilho, e por si fazer caminho novo, impresa, que sendo tanto do meu genio, e sistema de necessidade me havia de agradar. A invenção he verdadeiramente a que caracteriza os genios, conforme o Cardeal de Bernis, que ainda acrescenta, que nas artes quem não cria de novo não merece o nome de homem grande. (a)

Declaro com o Autor da Biblioteca d' hum homem de gosto, e com outros mui atendiveis Escretores a cujos importantes votos ajunto desde hoje o meu; que sempre me parecerá vã, e futil a mania esteril de quererem estabelecer principios, e prescrever regras para a boa Poezia; empreendendo por ellas fazer-nos achar o mais certo, e infallivel trilho para elevalla, ou abatella.

No

(a) *Discurso sobre a Poesia*

No livro, que traduzio Mr. Eidous impresso em 1766. com o titulo de *Kau-kiou-Choan* achão-se paginas cheias de Poesia chinesa, que arrebatão a quem as folheia com reflexão. e gosto; pois seus Autores não leraõ certamente Horacio como nos seus versos o deixoẽ bem ver: muitas vezes recorri a este livro obrigado pela insipidez, e aborrecimento, que em meu espirito tinhaõ produzido, a monotonia, secura, esterilidade, e dureza de outros, cujos Autores sabião de memoria as artes mais difuzas.

Expliquem a simples mecanica da versificação, caracterizem levemente os differentes generos, e não mais deixem obrar a natureza: como se hade verificar nunca, que brilhe emparedado entre amontoados preceitos hum dom, que se não compra, nem adquire. Gabriel Pereira de Castro escreveu o seu Poema a Uliseia, com o prumo na mão, com o compasso aberto, com a

inf-

instruções aos filhos de Luzio Pizaõ á vista.
O genio affastou muitas vezes a Camoens dos preceitos : e qual será a alma estragada a ponto de senaõ embeber mais com os descuidos do sublime Cantor das Luziadas, que com as acçoens de Uliser cantadas com tanta fidelidade ás regras.

Riome quando vejo Fontenelle, Antonio Ribeiro , Francisco Rodrigues Lobo , o enigmatico , indigesto Francisco de Pina, e outros escreverem dez eglogas temendo constituirem-se reos de leza arte , alterando o casual numero das que escreveo Virgilio. Chaulieu, la Motte , o Abbade de L'Ataignant, e Joaõ Bonifonio , por curtas deixaraõ muitas vezes as suas Odes amatorias, ou insultas , ou incompletas ; assentando , que era melhor deixallas defeituozas , e muitas vezes sem fexo , que offender a Anacreonte passando com huma estrofe , ou duas os limites , em que o vinho , ou ardencia amatoria lhe fez terminar as suas.

Tom. 1.

. C

O Sa-

O Sabio Montesquieu querendo louvar o Abade Oliva, diz (a) sempre me lembrarei com prazer dos momentos, que passei na sociedade literaria d' aquelle illuminado Italiano, que taõ felizmente se soube furtar ás preoccupações nacionaes. Este respeitavel voto, unido ao do judicioso Lyttelton (b) produziraõ em mim huma proveitosa desconfiança, que me escuda contra as superstições literarias.

Termino, o que diz respeito ás regras, declarando, que depois de lidas, combinadas, e analizadas bem as que conheço conclui, largando-as, que o meu Mestre devia ser a natureza: contentei-me com saber que os versos, que a tristeza inspira chamaõ-se Elegiacos, e Baquicos os que faz cantar o espiritozo Falerno.

Agora todo o meu cuidado consiste em
es-

(a) Suplement. aux lettres familiares, lettre. 61.
Mort. 14.

espreitar o estado actual de meu espirito; quando o soffro triste fasso Elegias, Dithyrambos quando o prazer me circula as veias. Pastoraes quando o acazo me leva aos campos, e tenho reparado, que agradecida a natureza a pezar de meus rigurosos Censores da-me muito mais sonoros, e correntes versos: Ella eria os Poetas, ella reserva para si todo o direito de os conduzir, e aperfeiçoar: já mais instruido, e por conseguinte menos preocupado naõ dobro idolatra fervil, os joelhos a esses antigos Colossos, que Dacier, La Moneie, e os outros membros de seu caprichoso bando adoravaõ cegamente; aconselhado por Young, (a) e animado por meu genio busquei, e achei os dois livros, unicas artes, que os Poetas devem folhear quando em si nutrem o nobre desejo de merecerem taõ alto nome; o primeiro he o coração para o sentimento; o outro acharaõ sempre aberto nos campos, em cujas diversas pinturas deve o

(a) *Comp. Orig.*

C ii

Poc-

Poeta aprender o modo de unir as cores, e lançar os traços com que hade ornar as suas Poemas. As lições, que a natureza deu a Taisniere nos montes, e prados levaraõ seus Paizes ás salas de Luis XIV. e naõ as artes, a quem naõ quiz dever mais que o facil conhecimento da mistura das tintas, e preparaçãõ dos mais precizos instrumentos. Com a lição deste agradavel livro eternizou o delidado Ticiano a sua memoria.

Mais que tudo me anima a certeza, em que estou, de que estes dois livros por muito difuzos naõ foraõ inteiramente lidos pelos antigos, (a) a quem naõ tenho a vaidade

(a) Je suis charme d'un Auteur que s'efforce de vaincre les Anciens, suppose meme qu'il ne parviene pas a les egaler. Le public doit louer ses efforts, l'encourager, esperer qu'il pourra atteindre encore plus haut dans la suite a admirer ce qu'il a deja d'approchant des Anciens modeles. Feliciter audet.
Fenelon dialogue sur l'elegance.

dade esteril, de querer exceder, mas sem o desejo de me não encontrar com elles nas minhas ideias, cada vez mais animado occupo-me presentemente em despegar com muito cuidado as folhas, que por falta de tempo, ou de curiosidade não virão.

Da Sabia, e respeitavel natureza diz o Abbade de Venuti no retrato, que fez de Mad. Mirepois, recebeu toda a sua beleza sem soccorro da arte, ou estudo: eu do mesmo modo, digo, nas razões que apontei, que á natureza, e nunca á arte deverá o Poeta os rasgos, que o immortalizarem. O nosso Horacio, o grande Garção escreveu. = apontando os requizitos necessarios para a perfeição do Poeta.

Mas he preciso grande genio; longo;

E escolhido estudo; ouvir a todos

Seguir a poucos; conversar c'os mortos

Já muitos antes d'elle tinhaõ dito isto mesmo, e deve-se notar, que primeiro falla no genio, que he o presente da natureza,

reza,

reza, que no estudo, posto que sem elle não a possa conhecer o Poeta, e por conseguinte nem pintala; de seus versos se tira mais, que não he o estudo seco, dos redundantes preceitos da Poetica; mas sim de todo aquelle, que liga o homem á sociedade, enriquece o seu entendimento, e o faz util, e agradável. (a)

Firmado no que tenho dito, sempre desejei dar ás minhas composições mais genio, que arte lembrado de que Abailard no excesso de sua dor sem socorro da arte Poetica, escederia sem duvida no genero ellegiaco a Dusch, que tão puntual a seguia; A fim de por em pratica o meu sistema como já disse imprimir o meu Poema o Sonho Erotico n'hum gosto novo, de que se pode convencer, quem lendo primeiro os nossos bucolicos o ler com animo imparcial. Constante no meu sistema abandonando

(a) Et prodesse volunt, et delectare Poetae.

nando Sonetos ; Eglogas ; e Idilyos para satisfazer á obrigação , que Horacio põem aos Poetas de deleitar , e vendo que isto nas belas artes raramente se consegue sem a novidade : dei ás minhas pastoraes além do novo estilo , e traços , o titulo de Cartas , que por novo poderá conciliar mais a attenção dos afeiçoados ás carinhosas Musas : Recorri á invenção sem a qual segundo o pensar , além d'outros do Conde de Zarnowich não ha poesia. (a).

Dos Poetas , que não inventão , julgo falará Catulo quando diz , que os pessi- mos Poetas servem de incomodo ao esplendor do seculo , (b) agora com D'Alambert declaro , que isto não se deve entender de muitos homens respeitaveis hoje vivos , que sempre venerarei , cujos conhecimentos , e ge-
nios,

(a) La testa d'un Poeta ordinario , é come un mortajo d'un droguista. *Reflex. Filos. Mor.*

(b) Saeculi incomoda pessimi Poetae.

nios, e sobre tudo a voz do publico exceptuaõ (a) desta insignificante tropa, de vãos trovitas, que estereis se ficaõ n'uma fervil imitaçaõ.

Emprendi, este novo estylo epistolar bucolico, por me parecer, que a singela fraze, e verso corrente á que elle me obrigava, satisfaria melhor ao fim, que me propuz desde logo, o qual consistia no desejo, em quanto a mim louvavel, de facilitar entre nós a feliz introduçaõ de alguns generos novos de Poesia, ou ao menos o uzo desses, que presentlymente fazem as delicias da iluminada Europa; e em segundo lugar escrevo para as almas ternas, e sensiveis, cujo favor só me interessa, e ao resto exercitando meu genio, convenço do desejo que me anima de satisfazer com o que meus aca-

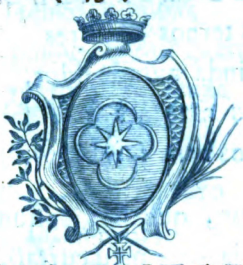
nha-

(c) Reflexions sur la Poésie met. de liti
tom. 5.

nhados talentos podem o muito; que devo ao seu Paiz; onde incansavel sempre lançarei mão de todos os meios, que se me offerecerem de ser util.



CAR-



CARTAS PASTORIS
DE
MYRTILLO.

CARTA I.
AO ILL.^{mo} EX.^{mo} SENHOR
MARQUEZ DO POMBAL



RAM Senhor, que na Cidade
Tendes sempre alta valia ;
Cujo nome nestes campos
Inda apraz, como aprazia :

A-

A quem os ternos pastores
Amaõ inda agradecidos,
Homens naturaes não sabem
Negar os bens recebidos.

Graõ Senhor, que por costume
Sem pejar-vos meu curraõ,
Me lançais benignos olhos
Em que falla o coração :

Vós, que por minha ventura
Tendes huma alma capaz ;
De estimar, e alçar aquelle
Em que alguma prenda jáz.

Do triste Pastor Myrtillo
Offrenda acceitai sincera ;
Vai com ella a sã vontade
Com que a alma dar-vos quizerá.

Porém a alma dar não posso ,
Pois a dei á Arnarda bella ;
Dei-lha, dei-lha toda inteira
Logo, que cheguei a vella.

Se fiz mal não tenho a culpa;
Nem eu a ponho em ninguém,
Em mim guardou natureza
Instincto, que a culpa tem.

Bem sabeis, que Amor severo
Nunca deu satisfação,
Penetra cô os mesmos ferros
Dura malha, alvo gurrão.

Não vos mando em verdes fetos
Maduras, gostosas fructas;
Tenros cordeiros manchados,
Nem vivas, pintadas Trutas

Não vos dou, Rozas vermelhas;
Goivos; nem Cravos cheiros
Coroas de crespa Murta;
Nem frescos festoens viçosos.

Myrtillo vos manda humilde
Os seus versos namorados:
Versos duraõ mais, que as flores
Zombaõ dos ventos irados.

Of-

Offreço-vos co' o mesmo gosto,
Com que a çepa se pensara;
Dera seus dourados caxos
A quem benigno a plantara.

Istes são aquelles versos,
Ternos, tristes, saudozos,
Que aos vossos olhos prenderão
Os ribeiros presurozos.

São aquelles mesmos versos,
Que vós me ouvieis cantar;
Aquelles, que por mui tristes,
Vos faziao suspirar.

Como são filhos singelos
Destes florescentes prados,
Hão de entrar pela Cidade
Olhos baxos, accanhados;

Vergonhosos, e encolhidos
Hão-de-se á gente furtar;
Hão de esconder-se medrosos
Se o vosso amparo os deixar.

O que posso assegurar-vos,
He que todos ajuntando
Ante os meus chorosos olhos,
Que elles viaõ suspirando.

Preguntei-lhes, quem pediaõ
Na Cidade a seu favor;
Todos a huma differaõ
De Oeyras ao Graõ Senhor.

Mandei-os entaõ vestidos
Com os trages pastoris;
Vendo, que eu era Pastor;
Ao meu uzo ornalos quiz.

Darvos-haõ dos campos novas
Na linguagem dos Pastores
Pintar-vos-haõ os retiros
Onde choro os meus amores;

Se ao chegar a vós coitados
Naõ podendo disfarçar
Gemerem, ou suspirarem
Lembrados do meu pezar:

Se

Se os pés vos molhar feu pranto
Delles tendes compaixão,
São filhos de huma alma triste
D'um sentido coração.

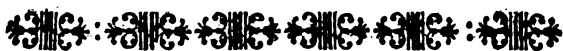
Ao vosso amparo os entrego,
Defendei-os com Amor,
Dos crueis lobos malvados,
Que já ouivaõ de redor.

Guardai-os Senhor benigno,
Qual eu guardo a manfa rez ;
Dos olhos da torpe inveja,
Que os olhaõ já de travez.

Affagai-os, que eu os mando
N'um tempo taõ desgraçado,
Que accoladas hoje as Muzas
Vem a nós do povoado.

Acolhei com meigo rizo
Este meu terno penhor ;
Pois só faz de versos cazo,
Quem bem sabe o que he Amor.

SO:



SONETO.

NA fria Delos, cujo fundamento
 Do Egeo as ondas tumidas formavaõ;
 Por Jupiter as Musas esperavaõ
 Banhadas de immortal contentamento:
 Doce era ver Apolo em seu assento
 A Lyra temperando, onde soavaõ
 Taõ gratos sons, que alegres despertavaõ
 Os mudos povos do salgado argento:
 Doce era ver em torno de hum Pyra
 Os virotes quebrados, e dispersos,
 Que amor contente pelo chaõ atira:
 Eis entra Jovè, e Deozes mil diversos:
 Apolo toca a sonora Lyra,
 E as Muzas cantaõ de Myrtillo os versos

Evandro Alphesibe o.



D E C I M A.

A MOR que os versos inspira,
Estas cartas lendo a Erato,
Que ao som de Aonio regato
Affinava a grega Lyra;
Lhe diz... terna Musa admira
Este novo Luzo estillo,
E fico depois de ouvillo,
Que do bipartido Monte,
Daràs parte à Anacreonte,
E a outra ao brando Myrtilo.

J. Ign. de Sex. Brand.





SONETO LYRICO

Nos meus fogosos Etontes
 O longo açoute assentando ;
 Vou ligeiro galopando
 Para os Sicilicos montes :
 Ali vejo os çujos Brontes
 Agudas settas forjando ;
 E Vulcano as temperando
 Dentro de frigidás fontes :
 Eis que entrava o Deos vendado ;
 Sem aljava: para ouvillo,
 Fui-me pôr junto ao seu lado :
 Quando rindo, diz tranquillo,
 Tenho do mundo triumphado , -
 Só co' os versos de Myrtillo:

Evandro Alphesibeo.

Cesse já dos Pastores de Arno a fama
Doce me he vosso canto, e doce seja
Meus Pastores, a quem mal vos dezama:
Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
Muitos annos cantar, e vejais cedo
A alma cheia cada hum do que dezeja
Sem pender de esperança nem de medo.

Ferr. Egl. 5.



Instrumento contente, que algum dia,
Foste alivio de meu sentimento:
A cujo som suave, e molodia
Ouvio a causa delle o meu tormento.
Ficai prezado nesta arvore sombria,
A onde vos toque agora o furdo vento;
Que eu, que parto chorando desta aldeia
Mal poderei tocar em terra alheia

Francisco Rodrigues Lobo.



C A R T A II.

MINHA Lyra mal fadada ;
 Lyra do meu coração ,
 Que ficaste á chuva exposta ,
 E ao desabrido Suaõ.

Lembrado , que as faudades ,
 Nesta ausencia haõ de quebrarte ,
 Com as minhas ternas Cartas
 Quero algum alivio dar-te :

Bem sabes , que Amor daninho ,
 Que ás tontas faz mal , e bem ;
 Dos males , que sustentamos
 He quem só a culpa tem.

Elle

Elle de propria vontade ,
Fez-me ver Anarda bella ,
Anarda de quem distante
O susto meu sangue gela,

Porque viste Lyra minha ,
Tudo quanto vou contar ,
Ao leres estes meus versos
Has-de triste suspirar.

Tinha-lhe Amor no semblante
Bafejado tal ternura ,
Que em mim fez o que costuma
Fazer em nós fermosura.

Cô os olhos mais pretos inda ,
Que o manto da noite negra ;
Ferio-me a Pastora linda ,
O que vendo Amor se alegra.

Vi nelles hum não sei que ,
Que nem eu posso explicar ;
Hum não sei que , que me abraza ,
Que me faz constante amar.

Sen-

Senti n' alma o doce effeito

Dos tiros, que Anarda fez :

Meus olhos já d'amor cheios

Ergui huma, e outra vez.

O temor, com que os erguia ;

E na Pastora os fitava ,

Era final o mais certo

De que eu já vencido amava.

Nelles á Anarda mostrei ,

Que me tinha feito amar :

Mostrou-se tambem ferida ,

Com hum doce, e brando olhar.

Ficamos ambos contentes ,

Approvando tudo, tudo ;

Quanto os olhos tinhaõ feito

Tambem Amor fere mudo.

Ficamos ambos dispostos ,

A nos amar á profia :

Ella por mim já córava

Eu já por ella gemia ,

Isto prova Lyra amada,
Que os olhos o trilho saõ,
Por donde Amor seu veneno,
Leva ao pobre coração.

Haja cautéla Pastores,
Que os olhos deixais vagar,
Lembraí-vos, que seus descudos;
Vossas magoas haõ pagar.

Huma fonte, hum alto Frexo,
Que nella vé seu retrato;
Foraõ mudas testemunhas
Deste amoroso contrato.

Para nos ver-mos, e amar-mos
Hia-mos mui cedo ao prado;
Quando vinha a manhã fresca,
Já via no pasto o gado.

Cô os Loureiros de mistura
A Madre-silva viçosa,
No valle havia formado
Huma gruta deleitosa.

Nel-

Nella os ventos pelo Estio
Se acolhiað do calor ;
Este apprasível retiro
Tinha-nos disposto Amor,

Nesta gruta solitaria ;
Em liberdade croava ;
Anarda das frescas flores ;
Das flores , que o valle dava ;

Minha Lyra , o Sol nos mares ;
Já se acabou de esconder ;
Levou-nos consigo o dia ,
Vou meu gado recolher,



C A R T A III.

VAI o Sol a nós tornando ;
E seus claros resplandores,
Permittem já que te escreva
A origem de minhas dores.

Em

Em quanto o gado entretido
Vai a relva despontando;
De meu Amor os começos
Hirei como honte contando.

Na gruta, que Amor nos dera;
Croava a minha Pastora,
Das cheirosas, frescas flores,
Que abrem ao nascer da Aurora.

De minha Anárda na frente
Pareciaõ mais fermozas,
As amarellas gieftas,
As Açucenas, e as Rozas.

As orvalhadas Boninas,
Mostravaõ mais viva a cõr,
Nunca as flores saõ mais bellas
Que quando servem a Amor.

Dava-lhe cheirosa Murta,
Fresco Buxo verdejante,
E com elle o juramento
D'amala sempre constante.

Por

Por Amor industriado

Dei-lhe d' oiro hum coração
Com as fitas roxa, e verde,
Que esperança, e magoa saõ.

Minha Anarda carinhosa

Naõ querendo ser-me ingrata,
Com fitas das mesmas cores
Deu-me outro de branca prata.

No verde mostrei dezejos

De que o nosso Amor durasse;
No roxo o medo pungente
De que em nós Amor findasse.

Passado mui pouco tempo,

Vi meu fulto verdadeiro:
Hum Amor ditoso, e firme,
Dura pouco tempo inteiro.

Minha Anarda amava terna,

Eu tambem por ella ardia,
Cada hum de nós suspirava
Sempre, que ausente se via:

Al-

Alguns dias venturosos,
Passaraõ por nós ligeiros;
Mais leves, que os ventos leves;
Mais, que os declives ribeiros.

A pezar da torpe enveja,
A pezar do odio feroz,
Cõ sangue de amor o fogo
Circulava em ambos nós:

Porém a forte mesquinha,
Que ninguem ditoso quer;
Em nós taõ doce ventura
Naõ quiz por mais tempo ver.

Arrancou a linda Anarda
De meus apertados braços,
A prisaõ, que nos unia
Fez cruel em mil pedaços.

Hoje suspiro por ella,
Sem a pura fé quebrar;
Morda-se raivoza a sorte,
Que sempre heide Anarda amar:

A[-]

Affim Lyra o prometi,
Quando della me aparteí;
Repeti com triste pranto,
Que entre gemidos soltei.

Queira Amor Pastora amada;
Que se te eu tornar a ver,
Em ti veja, que mereces
Os males, que vou sofrer.

Ella coitada gemeo,
Foi-se de mim muito além;
Fiquei Lyra desgraçado,
Ficaste infelis tambem.





C A R T A IV.

A Viçosa Primavera
De Açucenas Coroada,
Com flores vem matifando
A fresca relva orvalhada.

Graças aos Ceos, que vestidos
Já vejo os amenos prados:
Já sem susto os mansos gados
Andaõ no pasto entretidos:
Os ventos rijos saõ hidos;
Entre as folhas da verde Era
Brincaõ Zefiros: a Pera
Rubra ginja estaõ em flor;
Já vem o tempo de Amor,
A viçosa Primavera.

O Inverno co' a escuridade
Foi-se croado de neve ;
O Sul foisse : o Norte leve ,
Espalhou a tempestade :
Já do Sol a claridade
Desfez a nevoa afumada :
Em longa nuvem doirada :
A' doce Primavera rindo ,
Vem a nos com rosto lindo
De Açucenas coroada.

As Aves já cuidadozas
As loiras palhas colhendo ;
Andaõ seus ninhos tescendo
Por entre as ramas umbrozas :
Já a Truta as escabrozas ,
As fundas lapas deixando ,
A' flor da agua anda saltando :
A Estação mais amoroza
O Prado , e ferra escabroza
Vem com flores matizando.

Ay minha Anarda constante,
Corre desce aos verdes prados;
Esperaõ por ti juncados
De flores qual mais galante.
Minha Lyra sempre amante;
De sacro louro enramada
Por ti chama; se lembrada
Inda estás de teu Pastor,
Anda, que já trilha Amor
A fresca relva orvalhada.

Quaõ diffrente está meu peito
Do que Lyra minha estava:
Quando taes versos urdindo
Por Anarda suspirava.

Eu entaõ chamava Anarda,
E logo a coitada vinha:
Hoje grito, e não responde
Morrer entaõ me convinha.

Agora, que a Primavera,
 Reverdece estes oiteiros;
 Hoje, que mais claros correm
 Do monte abaixo os ribeiros:

Com os bicos vendo as aves
 Ao Sol as penas compor;
 Vendo aqui chegado o tempo,
 Em que he mais travesso Amor.

Vendo c'o as fraldas sonoras,
 Os singelos guardadores;
 Logo ao raiar da alvorada
 Despertarem seus Amores.

Em quanto abração contentes,
 As Pastoras namoradas;
 Que por ser mui cedo ainda,
 Inda chegam deffoucadas.

Lembrado d'aquelle tempo
 Para mim tão venturoso;
 Em que minha Anarda aos prados
 Vinha fazer-me diuao.

E ii

Pelos

Pelos vales , e ribeiras ,
 Essas decimas repito ;
 E até do Tejo nas praias
 Mil vezes as tenho escrito :

Mas o rio , que adevinha ,
 Que minha Anarda não vem ;
 Outras tantas espraiado
 Meus versos riscado tem.

Mais gemer não pode o peito ;
 Nem meus olhos mais chorar :
 Eu não sei dor tão aguda
 Onde irá comigo dar.



C A R T A V.

DESDE o sítio pobre Lyra ,
 Onde a escrever me preparo ,
 Efeitos de hum triste Amor ,
 Que já por constante he raro :

Sol-

Soltando a vista descubro

Agoas, que por não ter fim;
Comparo ás estenías dores,
Que hum triste Amor poz em mim.

Vejo estar-se baloiçando

O vasto, azulado mar,
E as ondas de espaço, a espaço
Brancas madexas soltar.

Humas tras outras fervendo

Trepaõ pela praia acima;
Ou se desfazem nas penhas,
Que o furor não defanima.

Inda que as cortadas rochas

São de negra cor escura,
As ondas ao quebrar nellas,
As forraõ de crespa alvura:

São verdes as curvas ondas,

Quando trepaõ huma, e huma,
Mas logo ao tocar na areia
Se vestem de branca escuma.

São

70 CARTAS PASTORAIS

São quaes alvas Açucenas,
Que são verdes no botão,
Mas quando as folhas descobrem
Aos olhos brancura dão.

São como os prados, mais verdes
Que ao irse a noite enluta,
Afrésca Aurora nos mostra
Cobertos d'alva geada;

Vão ao mar de branco as ondas,
Voltaõ outra vez de verde;
Tambem c'os raios do Sol
O prado a brancura perde.

Esta alternada mudança;
Este mudar de figura;
Prende, mas ah não sufoca,
Minha teimosa amargura.

Affim como as alvas ondas,
Se agitando entre os penedos;
Fluctuaõ dentro em minha alma
De Amor passados enredos.

My-

Mynha Lyra vim á praia
 Por ver se a vista do mar;
 Divertia meu tormento
 Abrandava o meu pezar.

Mas sendo de Anarda a ausencia,
 A causa, que me atormenta,
 Mal pode o Mar alegrarme,
 Quando nas penhas rebenta:

Adeos Lyra, a tarde vaiße
 Emvolta em nuvens vermelhas:
 E eu triste vou para os campos
 Bulcar as manfas ovelhas.

C A R T A VI.

OS galos apenas dormem:
 Já cantão pelos cazaes;
 Cantão leños, quando eu triste
 Suporto dores mortaes.

To:

Todos agora de cansaõ,
Eu soffro males tobejos,
Males comque me aguilhoão
Meus mal avindos desejos.

Desejos, que haõ do matarme
Sem a constancia attender,
Comque apenas vi Anarda
No meu feio os fiz nascer.

Eu os fis nascer em mim,
Minha Anarda os foi criando,
E hoje depois de crecidos
Vaõ-me as entranhas rasgando:

De minha querida Anarda
Vaõ apoz os olhos ver;
Naõ posso a'ella levalos,
Nesta lida heide morrer:

A calada noite escura,
Tudo de preto forrou;
Aos Lynios, Cravos, e ás Rozas,
Aos prados a cõr tirou.

Ca.

Caminhando vai sem balha ,
E se algum rumor se sente ,
He o que faz dos ribeiros
A sonoroza corrente.

Entre as tortas Oliveiras
Os tristes Mochos finzentos ,
Com agudos guinchos tristes
Acompanhaõ meus lamentos.

Entre as balsas espinhofas
O feio Cuco metido ,
Com vozes mui compassadas
Tambem segue o meu gemido :

Os galos impertinentes ,
Vagos Mochos agoureiros;
Tristes Cucos penugentos:
Seguem meus ais derradeiros.

Eis-aqui o triste estado
Em que Lyra gemo ainda ;
Gemo, gemo, triste gemo
Por ver minha Anarda linda.

Os

Os que dormem sossegados,
 Vivem com Amor ditozos:
 Ou livres de Amor descanso
 Por isso dormem gustozos.

Eu porém, que em meus Amores;
 Tive fim tão desgraçado;
 Como nos meus olhos posso,
 Ao sono dar gafealhado.

Durma quem viver contente;
 Quem respirar satisfeito:
 Mas o coitado Myrtilo
 Gema no casal estreito.

Vigie por sua Anarda,
 Por Anarda, que he seu bem;
 Por Anarda gema, como
 Por quem só gemer convem.

Se á vista da linda Amada,
 De mim fugia o pezar:
 Hoje aqui distante della
 Desfaleço a suspirar.

Rec

Roe o tempo o ferro, as penas
Com fome, que nada abate;
O pezar roe o meu triste
Coração, que apenas bate;

Já, Lyra da madrugada
Entra à luz no meu casal;
Só em mim prazer não entra
Pois não o deixa meu mal.

C A R T A VII.

Doce Lyra he bem verdade,
Que ao triste, que geme ausente,
Só consola estar pensando
Na causa do mal, que sente.

E affim de que vejas Lyra,
que ser constante couvem:
Sempre d'e Anarda te fallo,
De Anarda, que he só meu bem.

O

O maior gosto, que eu tenho,
He sempre estar-me lembrando
Dos recebidos favores,
Do sitio, do modo, e quando.

E em prova de ser verdade
Tudo quanto afflito escrevo;
Se attenta meus versos leres
Verás, eu faço o que devo.

Hoje estive recordando;
Humas cantigas, que fiz
N' hum dia, em que eu da graça calma
Livrar minha Anarda quiz.

Has-de lembrarte do dia
Pois contigo lhas cantei:
Por final, que ao som do canto
Anarda aos bosques levei.

Eu tas mando, e considera,
Que assim como saõ diversos
Os tempos, tambem oh Lyra
Saõ differentes meus versos.

No-

No erguido cume

De Ceo luzente,

O Sol ardente

Já vai brilhar.

Alguma sombra

Vamos buscar

Os frescos ventos

Do Sol queimados;

Bosques fechados.

Vão procurar.

Alguma sombra

Vamos buscar.

Zefiros leves

Juntos em bando;

Vão revoando

Ao verde mar:

Alguma sombra

Vamos buscar.

Por

CARTAS PASTORAIS

Por entre as agóas .

Batendo as penas ,

Ondas Serenas

Vão despertar .

Alguma sombra

Vamos Buscar .

O bravo Toiro

Suando em fio ,

Ao claro rio

Vai-se banhar .

Alguma sombra

Vamos buscar .

Vez as Ovelhas

Com seus cordeiros ,

Como aos ribeiros

Se vão lançar .

Alguma sombra

Vamos buscar .

Os olhos fita

Naquella Parra ;

Ouve a Cigarra

Leda cantar.

Alguma sombra

Vamos buscar.

Tudo nos Campos

Em calor arde,

Vamos, que á tarde

Podes voltar.

Alguma sombra

Vamos buscar.

Verás no sitio

Para onde vamos ;

Por entre os ramos ;

Melros voar.

Alguma sombra

Vamos buscar.

Inda

Inda que os prados

Corras agora;

Huma Pastora

Naõ hafde achar.

Alguma sombra

Vamos buscar.

Em quanto dormem

Os mais Pastores,

Vem teus Amores

Terna afagar.

Alguma' sombra

Vamos buscar.

Minha Anarda enternecida

O que nellas pedi fes;

Fomos tu, Anarda, e eu;

E Amor foi com todos tres.

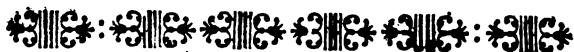
Depois, que á. sombra chegamos....

Naõ posso mais elcrever,

Sufocame a saudade,

Começa o pranto a correr.

CAR:



CART A VIII.

EM quanto o gado entretido
Pasta livre de cuidados,
Vou tratar contigo Lyra
De meus Amores frustrados.

Lembra-te quando na areia
Escreveo de Anarda a mão:
De teu coração depende
A paz do meu coração.

Que eu vendo tão bom começo
A meus impenes Amores ;
Assim glosando implorei.
Da bella Anarda os favores.

A minha tua alma acende
C'o doce fogo de Amor ;
E a cura de tanto ardor
De teu coração depende.

Tom. I.

F

Aten-

Attende benigna, attende,

A' minha amante paixão:

Une á minha tua mão:

Jura amar constantemente,

Ah tu tens d' um fim pendente

A paz do meu coração.

Logo a mimosa Pastora,

Veio ler muito apressada;

E eu vi... não sei que vi

Na linda face rozada.

Vi mais ternos os seus olhos;

Vi nas faces huma côr,

Que se o não era fingia

Mui bem, a que accende Amor.

Mas Deozes, o que então vi,

Não era não fingimento,

Foi Amor tudo o que achei

Vestido de sentimento.

E em prova deixada Lyra

De não mentir a ternura :

Passão mezes , passão annos ;

Nosso Amor constante dura.

Sabes quantos desconcertos

Temos ambos tolerado ;

E com tudo ella suspira ,

E eu gemo della apartado.

Mostramos ao mundo todo

Quanto he mais sublime Amor ;

Quando abraza duas almas

Capazes de seu ardor.

Ai minha Anarda adorada ;

Arda em nós constante hum fogo ;

Que em brutas almas venaes ,

No começo espira logo :

E tu minha doce Lyra

A padecer continua ;

Malles , que mais te atormentaõ ;

Por não ser a culpa tua.

F ii

Mas

80 CARTAS PASTORIS

Mas também não foi culpado

O Teu infeliz Pastor :

As tuas , e as minhas penas

São penas vindas d' Amor.

Soframos com paciência ,

Se o negro inverno fim tem ;

Póde ser , que as nossas magoas

O venhão a ter também.

Póde ser , que Amor cansado

Deouvir os nossos gemidos ,

Nos dé mais doces momentos ,

Momentos mais bem nascidos.

Talvez nos faça ditosos ,

Então eu te hirei buscar ;

Do secco ramo onde gemes

Eu te hirei despendurar.

Pelos cardos espinhózos

De que te deixei cuberta ,

Ornada de Bem-mequeres

Soarás contente , e certa,

Ver-

Verte has enfim ditosa ,
Pelas mãos encordoadas ,
Pelas mãos , que tantas vezes
Me entregou .Anarda amada.

Então no fim da tormenta ,
Cantarei , qual pescador ,
Que no mar onde gemera
Canta os triumphos d' Amor.

Naõ queiras oh Lyra triste
A colher Amores táes ;
Que em paga do gazalhado
Deixaõ disgozto mortaes.



C A R T A IX.

O Doirado Sol brilhante
Já vai subindo aos oiteiros :
As nuvens de nós fugiraõ ;
Fugiraõ os nevoeiros.

Os

90 CARTAS PASTORIS

Os frios ventos ruidozos

Já de lutar fatigados,

Descançað na branda relva,

Nos Mal-mequeres doirados

Ah minha queixoza Lyra

A tempestade acabou ;

Os montes já se aclararaõ,

Em mim tristeza ficou.

Agora quero mandar-te

Cantigas, que a Anarda dei ;

Quando de outra tempestade,

Que fugisse lhe roguei.

Anarda, Anarda

Foge do prado,

Que em pouco tempo

Virás molhado.

Foge comigo,

Para a choupana ;

Aquella nuvem

Já não me engana.

Traz

DE MYRTILLO.

91

Trás, bella Anarda,
O negro feio,
De grossa chuva,
De raios cheio.

Linda Pastora,
Foge comigo,
Na minha choça
Tomar abrigo.

O viguroso
Robusto braço,
Co' a pederneira
Ferindo o aço.

Fogueira pobre
Logo acendendo,
A secca lenha
Verás ardendo.

Vem as mãos frias,
Vem aquecer,
Da tempestade
Vem-te esconder.

As

As tortas vides,
Que hoje cultivo,
E a quem só devo
Respirar vivo.

Derað-me Anarda,
Doce falerno,
Com que resisto
Ao frio Inverno.

N'um arqueado
Breve tonel,
Fechado o tenho
He loiro mel.

Vem a torneira,
Tu mesma abrir,
Vem, que elle ferve,
Já por fahir.

Já me parece,
Que o estou vendo;
Na branca taça,
Cahir fervendo.

Elle

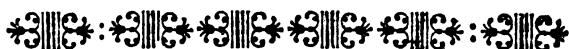
Elle afugenta
Do coração ,
Dura agonia ,
Triste aflição.

Logo , que elle entra
No peito a dor
Foge , e só fica
Anarda ... Amor ...

Chora , chora quando as leres ,
D' aquelle tempo lembrada ;
Em que eras felis comigo ,
E eu c'o a minha doce amada.

Então, os rostos não via ,
Dos magros , dos feros damnos ,
Julgava os dias por horas :
Hoje me parecem annos.

CAR-



C A R T A X.

DESTE sitio mudo , e triste ,
Onde acazo vim parar ;
De teu Pastor desgraçado
Quero-te novas mandar.

Aqui me cercaõ penedos ,
Penedos mui levantados ,
Taõ duros , que nem se abrandã
Com meus gemidos cansados.

Nas frescas lapas , que formaõ ,
Huns sobre outros carregando ,
Estaõ sempre de continuo ,
Sonoras agoas manando.

Cobrem as musgozas grutas ,
Acanhados arvoredos ;
Que tem as tortas raizes ,
Entre os partidos penedos.

Quan-

Humana vós não se escuta,
Nem dos gados o balido;
Eu julgo ser o primeiro,
Que neste sitio ha gemido:

Brandos Zefiros não voaõ,
Tudo está mui triste, e só;
Meus roucos, negros queixumes
Enchem o sitio de dó.

As agoas tem entre as pedras
Os seus tanques naturaes,
Onde vem na festa ardente,
Refrescar-se os animaes.

No fundo da veia pura,
Que se reparte em remansos,
Se encruaõ miudos peixes,
Que nadaõ mudos, e mansos.

Acho-me Lyra adorada
N'um sitio o mais bem disposto;
Para quem vive soffrendo
Picadas d'algun disosto.

Aqui

Aqui neste instante geme
Teu desgraçado Pastor ;
Sem reposta ás penhas conta
As desventuras de Amor.

Aqui tenho todo o dia
Em vão triste suspirado ;
Tenho em vão por minha Anarda
Com tristes gritos bradado :

Minha Anarda não responde,
E nem ao menos escuta ,
As queixas com que Myrtillo
Este lugar mais enluta :

Sobre huma lage cumprida ,
O teu Myrtillo deitado ,
Espalha sentidas queixas
Longe de Anarda , e do 'gado :

Em vão meu pranto derramo ;
Solto gemidos em vão :
Em vão meu peito se cansa :
Em vão arde o coração :

Quan-

Quanto he duro , quanto custa
Derramar tristes gemidos ,
Gemidos , que no ar se perdem
Por não ser de Anarda ouvidos.

Depois minha doce Lyra ,
De ter gemido a cançar :
Depois dos duros penhascos
Com triste pranto banhar :

Sobre a face d'uma rocha ,
Que assombraõ copados ramos ,
Eu , e a minha saudade
Esta memoria deixamos :

Belas Ninfas carinhosas ,
Que estas lapas habitais ,
Escutai os meus gemidos ,
Escutai , meus tristes ais .

Se a minha fermosa Anarda
Por acazo aqui chegar ,
Dizei-lhe , que seu Myrtillo
Aqui veio suspirar.

Nif-

Nisto me apartei deixando

As frescas agoas, e as penhas :

Os ventos, que com seus sopros

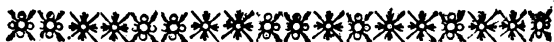
Movem do arvoredo as grenhas.

Proferi com vós cançada;

Daime, daime alentos Ceos,

Adeos, adeos fresca Cintra :

Campinas da Granja adeos.



C A R T A X I.

EM quanto no fundo vale,

Entre os copados faiaes,

Elpino rico vaqueiro

Derrama queixas mortaes :

Em quanto a sanfonha aflita

Com seus sons entristecidos,

Do pobre Elpino deixado

Hoje acompanha os gemidos.

Eu

Eu minha queixoza Lyra,
Voute escrever minhas dores :
Dores , que só me atromentaõ
Distante de meus Amores.

Elpino com versos tristes
Suspende as aves no ar ;
Porque Tirseia perjura
Quiz de cuidados mudar .

Porque Tirseia o deixou
Suspira taõ tristemente :
Que os Tordós nas oliveiras
Prende co' gemer doente.

Dos garrulos Estorninhos.
Com osais attrahe os bandos ,
Queixa-se ante elles da ingrata
Com vozes , que excutaõ brandos.

Mas a minha dor excede ;
Pois sem a raiva dos zelos
De minha Anarda constante
Choro pelos olhos bellos :

Os

Os affanhados ciumes

Inspiraõ n'alma furor ;

A ausencia de minha Anarda

Leva mais ao fundo a dor.

Ciumes não tive nunca ,

Porque minha Anarda bella ;

Delles me livrava amante

Com amorosa cautella.

O meu mal são faudades ;

Saudades verdadeiras ,

Saudades , que não sentem

As brutas almas rasteiras.

Saudades mais pezadas ,

Que os erguidos , altos montes ;

Mais negras , que as Gralhas quando

A sombraõ os horizontes.

E em prova , que as faudades

Sómente fazem meu mal ,

Levem-me aos mimozos braços

De minha Anarda leal.

Pó-

Pòde fer que tambem chore,
Ante a rozada Pastora;
Mas eu fei, que muitas vezes
Tambem de goſto ſe chora :

Pòde fer que tambem gema;
Que perca do roſto a còr :
Mas eſtes ſinaes declaraõ
Mais os exceſſos d' Amor.

Ouviraõ de quando , em quando
O meu peito ſuſpirar :
Talvez , que alguns ais meſujaõ:
Mas naõ me ouviraõ queixar.

Antes quem tiver apego ;
A ver de Amor os effeitos :
De minha adorada Anarda
Unido aos redondos peitos :

Verá como gemo ardendo ;
E ſe entre o convulſo ardor ;
Me eſcapar algum gemido
Serà gemido de Amor.

Tom. I.

G

Gr

Gemerei, mas quaõ diversos
 Seraõ entaõ meus gemidos:
 Queimaraõ, e estes saõ frios
 Porque saõ de dor nascidos.

Estes finaes junto a Anarda
 Seraõ finaes de alegria;
 Estes finaes longe della
 Ah! saõ finaes de agonia.

Dize minha Lyra amada
 Se achares, quem dezejar
 Ver teu distante Myrtillo
 De sentimentos mudar,

Que pessa aos Deozes sobranos;
 Que Anarda me deixem ver,
 Que nos seus amantes braços:
 Me deixem com ella arder.

Nos meus ardentes excessos
 Veraõ ali finalmente,
 Que Myrtillo sò te escreve
 Verdades, que n' alma sente.

CAR-



C A R T A XII.

N Esta vou contarte Lyra
Quanto póde a saudade,
Quado se cria n' uma alma,
Que serve á Amor de vontade.

Honte desci dos oiteiros
Para o valle de Cupido;
Co' o pezo das saudades
Ajojado, e oprimido:

Estendi-me sobre a relva,
Que matizavaõ as flores;
Em cada huma Lyra eu via,
Lembranças de meus Amores.

Pelos olhos das Popoilas,
Que no meio negros saõ,
Lembrei-me dos ternos olhos,
Que tantas magoas me daõ:

Pelas encarnadas folhas,

Me lembrei dos delicados

Labios, que por tantas vezes

Com beijos fiz mais corados:

Os miudos Malme-queres

Tambem das folhas na alvura:

Dos lizos dentes de Anarda,

Me mostravaõ a brancura.

E quando attento pensava,

Que apinhados vaõ nascendo,

Lembravaõ-me as ternas graças

Que vaõ co' Anarda crescendo.

Os mimozos Malme-queres

Me fizeraõ mais lembrar,

Do tempo, em que as alvas folhas

Me fazia Amor contar.

Felis tempo, em que a Pastora

Muda em quanto repetia ..

Bem .. me .. queres .. Mal .. me queres

Esperava o que sahia.

Fe-

Felis tempo , em que se as folhas
Findavaõ em Mal .. me .. querer
Ambos os peitos sentidos
Começavaõ a gemer.

Tendo assim de Anarda cheio
Meu amante coração ;
Cuidando de minha Anarda ,
Que apertava a linda mão.

Com vós terna , que abrazada
Do quente peito sabia ,
Táes versos ao vento dei ,
Ao vento , que mudo ouvia.

=

Lembra-te Anarda amada
Que a fera , a dura morte ;
De Amor desfaz o laço ,
Que o tempo fez mais forte.

Lembra-te o fatal dia ,
Em que hemos de ficar ,
Ou tu por mim , ou eu ..
Por ti a supirar.

Pois

Pois se ha de vir hum tempo
 Taõ triste, e desgraçado,
 Em que de Amor o laço
 Hemos de ver quebrado.

Nos braços hum do outro
 Contentes respiremos;
 E em quanto dura a vida
 Amemos sempre amemos.

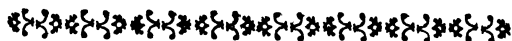
Mil beijos terna aceita;
 Dois mil me torna a dar:
 Em quanto, a fera morte
 Nos deixa respirar.

=

Depois de tornado a mim;
 Reflecti no que podia:
 Hum espirito sensivel,
 Em que livre Amor ardia.

Espalhei a vista, e triste
 Vendo naõ podia achar,
 A minha querida Anarda
 Comecei a suspirar.

CAR-



CARTA XIII.

O DIA , que hoje aclarou
 Os abafados os oiteiros ,
 Trás sobancelhas cahidas ;
 Vem derramando chuveiros :

Os feros ventos zunindo
 Os altos Pinhos sacodem ;
 Quebraõ a furia nas penhas ,
 Que derrubar nunca podem.

Huns co' os outros encontrados
 Andaõ fazendo rumor ,
 Que o manso gado derrama ,
 Que affusta ao pobre Pastor.

As pardas nuvens ligeiras
 Ao largo mar vaõ de geito ,
 Que mais rapidos só voaõ
 Os ais , que solta meu peito.

En-

Entre ellas o Sol dourado

Naõ póde mostrar a frente ,
A frente, que ardendo brilha,
Que faz nascer a semente :

Metidas humas por outras ,
Vaõ os oiteiros cobrindo ;
Grossos pingos de agoa pura ,
Vaõ sobre os montes cahindo .

Eu da chuva recioso ,
Seguido de meus cuidados ,
Busquei huns duros penedos ,
Penedos muito elevados .

Huns sobre os hombros dos outros
Debruçados de continuo ,
Formaõ espaçosa gruta
Que acolhe ao lebo ferino .

As verdes Eras folhudas
com o Musgo de mistura ,
Forraõ as broncas paredes
De huma viçosa verdura ;

Des-

Desde esta gruta formada
Pela sabia natureza ,
Espreitei toda a manada ,
Que acha nas balsas defeza.

No rigor tempestuozo
Deste desabrido dia ,
Repeti versos , que dei ,
Suportando a estaçaõ fria :

Nesta Carta vou mandar-tos
Meu Instrumento infeliz ,
A fim de veres me lembra
Quanto por Anarda fiz.

O Inverno ⁼triste , escuro ;
Em pardas nuvens sentado :
Ao Otono vai seguindo ,
Que delle foge affustado.

Ah

Ah que he isto? Hum vento frio

Os meus nervos entorpece,

E até mais lento parece,

Que se move o fresco rio;

Dos ramos o gelo em fio

Pende cristalino, e puro:

Anarda a frauta penduro

Deste Choupo desfolhado;

Pois vejo vir carregado

O Inverno triste, escuro.

O ar tem-se escurecido,

Os frios ventos ruidozos

Pelos valles mais umbrozos;

O arvoredo tem despido:

Nos tortos ramos tescido

Vejo o ninho, que occultado

As folhas tinhaõ; meu gado

Para o curral quer fugir:

Tu naõ vez o Inverno vir

Em pardas nuvens sentado.

Já congelado o ribeiro

Os pés do gado não molha :

Mas inda de verde folha

Se veste o Pinho , e Loireiro :

Cedendo ao frio o Cordeiro.

A lã curta á mãe unindo ,

Com tremor está cahindo ;

E diz com balido terno ,

Doce Anarda , que o Inverno

Ao Otono vai seguindo.

Segue-me tu amoroza ;

A defabrida estação ,

Com frigida , longa mão

Espalha a neve esponjoza :

Tudo está branco ; á fogoza

Lavareda regelado

Aquecer-me vou : no prado

Só o Inverno agora habita :

Meu rebanho , Anarda imita

Que delle foge aflustado.

Mi-

Minha Lyra tambem hoje

Grito por Anarda bella :

Grito Anarda . . . Anarda . . . Anarda

Mas já não consigo vela.



C A R T A X I V .

H OJE apenas acordei ,
 Meus amorosos cuidados ,
 Anoando-se em meu peito
 Me opprimirão magoados.

Ergui-me logo gemendo
 E entrei-lhes triste a dizer ;
 Que eu não tinha culpa alguma
 De minha Anarda não ver.

Nada disto me bastou
 Teimozos cada vez mais ,
 Me apartarão de meu gado ;
 De minha choça , e corrais.

Le-

Levaõ-me pela ribeira
Hora abaixo, e hora acima;
Fazendo-me das gemidos
De que Amor só faz estima.

Sobi aos calvos oiteiros:
Desci aos sombrios valles:
Trazendo sobre os meus hombros
Meus duros, pezados males.

Affim andei todo o dia,
Como Pastor avexado;
Qual toiro, que o ferro agudo
Trás no pescoço cravado;

Depois do pobre meu corpo
Ver-se rendido de andar;
Na encosta d'um baxo monte
Se deitou a descansar.

Ali triste, afadigado,
A' sombra d'umas balceiras,
Comecei a soltar queixas,
Queixas de Amor verdadeiras.

A-

Apenas os meus gemidos

Por entre os Pinhos voando;

Foraõ pelo fundo valle,

A minha dor espalhando.

Logo os Faunos, que quaes bodes

Tambem tem raxados pés ;

Se chegaraõ para ouvir

Os males, que Amor me fez:

Sobre os fetes se deitaraõ

Todos à roda de mim ;

Suspenso, mudos, quietos

Sem fazer algum motim,

As orelhas cabeludas

Esperos endireitavaõ,

Tristes recebendo nellas

Meus tristes ais, que voavaõ.

As hirsutas sobrancelhas

Arqueavaõ piadozos ;

Sempre, que entre os meus suspiros

Soltava alguns mais queixosos.

A

A viração inquieta

As folhas não sacudia ;

Os meus pés quasi molhando

Mudo hum ribeiro corria.

Taõ estreito , que dos lados

Sobre a agoa as folhas dobrando ,

Os roxos , os brancos Lyrios

Se estavaõ quasi beijando,

O ar estava abafado ,

Cahia grande calor ,

Tempo , em que o gado na sombra

Rumina mais a sabor.

Do lugar a solidão :

Dos Zefiros o descanso :

O silencio dos Sylvanões ,

Que se chegavaõ de manso :

Tudo minha amada Lyra

O teu Pastor convidava ,

A publicar suspirando ,

A magoa , que n'alma estava :

Com

Com effeito comecei,

A suspirar de vontade;

E a contar entre soluços,

Quanto dicta a saudade.

Por minha gentil Anarda

Comecei a suspirar:

E senti os meus cuidados

Menos sobre mim pezar.

Como da Pastora amante,

Eraõ louvor meus gemidos;

Começaraõ de affroxar

Quasi de mim condoidos.

Mynha Lyra, pobre Lyra,

Meus amorozos cuidados;

Respirar me naõ consentem

Longe dos olhos amados.

A minha querida Anarda

Deu-lhes logo obrigação;

De guardarem-lhe constante

Meu afflito coração:

Elles

Elles tambem lhe obedecem,
Que me não deixaõ folgar:
Fazem-me sonhar com ella
E nella esperto cuidar.

Assim vai o teu Myrtillo
Passando horas minguadas,
Infelizes, tristes horas,
Horas por mim tão choradas:

Eu não sei como já posso
A tanto mal resistir:
Em vão minha alma cortada,
Em vão de mim quer fugir.

Inda dura no meu peito
O calor, que prende a vida,
Vida triste amargurada,
Sempre de negro vestida:

Quem será, que se não tema
Do mesquinho duro Amor,
Se por instantes de gosto
Faz pagar annos de dor.

Tom. I.

H

CAR.

C A R T A XV.

ESPERANÇA não me anima
De que Anarda, torne a ver,
E com tudo Lyra triste,
Quero por ella gemer.

Quero gemer por Anarda
Para aos Pastores mostrar;
Que he fallo dizer, que a ausencia
Pode os Amores matar.

Aquelles, que venturozos
Nos regaçõs das Pastoras,
Tratando de Amor cuidados
Gastaõ prefurozas horas:

Quando destas minhas Cartas
Tiverem findado o ler,
Juraraõ, que todos nellas
Podem constancia aprender.

Eu

Eu minha queixoza Lyra
Morder os outros não devo,
Para ter campos, ou vinhas,
Meu verso ás Muzas não levo.

Escrevo para dar folga
As magoas, que na alma sinto;
Escrevo coizas passadas,
E no que escrevo não minto.

Escrevo para aos humanos
De huma vez desenganar,
Que eu em vez de fustigalos
Quero co' os versos brincar.

Brincando de meus Amores
Co' fagueiro, terno bando,
Para empresas de mor lote
Vou-me contigo enfiando.

Em huma das negras noites,
Que o negro inverno bafeja,
Quando a lenha ardendo estala,
Quando ardendo o Ceo troveja.

Quando em companhia dos outros
Junto ao acezo fugado,
Ouvindo, e contando historias
Passava alegre o feroz.

Hum Pastor dos mais antigos
Homem de grao tino, e fizo;
De mui maduro conselho
De ja conhecido avizo:

Contou que nestas ribeiras
Houve hum grande cao de gado,
Que sendo ainda cachorro
Foi por hum Pastor lezado:

Foi o cachorro crescendo
Na lembrança conservando,
O mal, que lhe haviaõ feito,
Ja na vingança cuidando.

Em quanto sentio as prezas
Piquenas para morder;
Foi nutrindo em si calado
Desejos de mal fazer.

An-

Andava por brinco sempre
As pedras, e páos mordendo,
Os dentes para a vingança
Deste modo endurecendo.

Logo, que os julgou capazes
Da premeditada empreza;
Entrou a seguir constante
O Pastor, que nada o preza.

Procurando ocazião
De colher só ao Pastor,
Para nelle em liberdade
Derramar o seu furor:

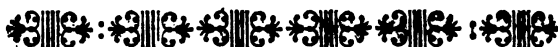
N'um dia do aceso Julho
Veio-lhe a hora funesta,
Tinha o pobre adormecido
A' sombra de huma Giesta:

O caõ mal intencionado
Movido por seu rancor,
Fez em pedaços raivozo
Ao coitado do Pastor:

O

O corpo delacerado,
 Palpitando estremecia,
 E o caô da vingança a legre
 O quente sangue lambia.

Deixem-me viver quieto
 Pois eu os deixo tambem:
 Olhem, que de má semente
 Colheita boa não vem.



C A R T A X V I

MINHA crua saudade
 Hoje Lyra me levou,
 Para hum sitio solitario
 Onde já Aonio (a) cantou:

O Mondegó sossegado,
 Para o mar se hia arrastando;
 Mudo, triste, e pensativo,
 Os verdes juncos molhando,

N'

(a) Ferreira.

N'alguns brancos, roxos Lyrios,
Que as agoas ali criavaõ,
Os Favonios inquietos
Fexando as azas pouzavaõ.

A mimosa Primavera
Tinha feito florecer,
As espinhozas Rozeiras
O doirado Mal-mequer.

Entre as inda tenras folhas
Dos Freixos, e dos Salgueiros,
Os negros Melros cantavaõ,
E os Pintafirgos ligeiros.

Ao mesmo tempo remando
Os singelos Pescadores,
Cantavaõ sonoros versos,
Aos seus felizes Amores;

Outros os buzios torcidos
Co' as chejas bocas soprando,
Vinhaõ co' o zumbido rouco
O rio, e vale atroando:

Mas

Mas co' o fômi desentoadado

Hum roxinol naõ parava,
Que sobre a minha cabeça,
N' um alto Cedro cantava.

Soltava do brando peito

Humas vozes taõ sonoras,
Que meu mal teve suspensõ
Por algumas poucas horas.

Todo alheio o escutava,

Quando hum Milhafre malvado,
Nelle crava as curvas unhas.
Só por me haver consolado.

Aos altos Deozes entaõ

Contra a má ave gritei,
E tornando á saudade
Cheio de dor exclamei.

=
Deozes supremos,
Do Ceo brilhante,
Fitai os olhos
N' um triste amante.

Que

Que naõ vos pede
Gados, nem terras:
Nem ter dominio
Nas altas Serras.

Naõ peço barcos
No largo rio:
Trigo que ceife
No secco Estio.

Naõ quero vinhas:
Altos lagares:
Nem frescas hortas,
Longos Pomares.

Quero sòmente,
Me concedais;
Se ouvis acazo
Meus tristes ais.

Que se o queixozo
Roxinol ama,
Sòmente o tempo,
Que a vós derrama.

Mi-

Minha Pastora

Sem descansar,
Fassais, que sempre
Me possa amar.

=

Ao rio os olhos voltei,
E observei, que se movia
Taõ sereno, que na areia
Pareceo-me adormecia.

Descia taõ vagoroso,
Com taõ cansada carreira,
Que mais depressa se move
O gado, que tem gafeira

Entaõ a praia mais triste,
A chorar me convidava,
A ausencia da bela Anarda
De Anarda, que eu naõ deixava.

Vendo-me della distante,
Anarda, Anarda gritei;
E ao depois emudecendo
Ao pranto as redeas larguei.

CAR-

C A R T A X V I I .

DE minha Pastora terna
 As ternas Cartas amantes,
 Que doce prazer me inspiraõ;
 Daõ-me ditozos instantes.

Com ellas aflita Lyra
 Passo as noites a falar;
 Só da linda amada as Cartas
 Me podiaõ consolar.

Nellas vejo retratados
 Os seus ternos sentimentos:
 Vejo da alma a paixão doce
 Do coração movimentos.

As linhas saõ desiguaes
 Não tem mui certa escriptura;
 Mas guiando a pena Amor
 Erra as letras a ternura.

Co-

Como a galante Pastora

No momento , em que escrevia

Tendo fita em mim sua alma

O que dicta Amor dizia :

Sua alma para amar feita ;

E o Amor nella a fallar ,

Quem as Cartas ler podia

Sem no fim Anarda amar.

A pena mal aguçada

De minha Anarda na mão ,

Soltou palavras , que adoçaõ

Meu amargo coração :

Só ellas saõ o remedio

Contra a minha magoa dura :

Só elles conseguem Lyra

Abrandar tanta amargura.

Quando co' as magoas danozas

Sinto minha alma abafada ,

Abro de Anarda os escritos

A alma entaõ risse coitada.

Nel-

Nella de Anarda as palavras
Sinto entrar suavemente;
O pezar vai-se abrandando;
A dor lhe he menos pungente.

Affim como as frescas agoas
Mataõ da sede o ardor ,
Affim as Cartas de Anarda
Soltaõ de minha alma a dor:

Vesse nellas doce Lyra ,
Que falla consegue ter:
Quando escreve hum a alma terna
A quem faz Amor gemer.

Nellas vesse bem , que a pena
Sempre hade ser eloquente ;
Quando se escrever com ella
Sem rodeio o que a alma sente.

Que expreçoens taõ vivas , doces ;
Que enternecidos conceitos:
Que modo de expor segredos ,
Que inspira Amor em taes peitos :

As

As Cartas da terna amada
 Guarda teu triste Pastor;
 De humã alma de Amores cheia
 Como o mais doce penhor.

Nellas por ventura minha,
 Seu terno Pastor me chama;
 Nellas sem reboço ás claras,
 Diz que meus excessos ama.

Nellas diz ... ah Ceos, que dita:
 E não só por humã vez,
 Diz que d'entre os mais Pastores,
 Escolha só de mim fez.

Que para da natureza
 Cumprir com a lei sagrada,
 Só por mim contente ardia
 Desejando ser amada.

Que vendo, que a natureza
 Quando amar lhe persuade;
 De escolher o amado objeto
 Lhe concede a liberdade.

Me

Me escolhera achando em mim
Hum final, que lhe intimava,
Ser eu para os seus Amores
Quem natureza lhe dava:

Que ella então muito contente
Co' a escolha de hum tal Pastor;
Deu graças a natureza,
Deu graças ao terno Amor.

Desde então constantes sempre
Nos amamos; doce Lyra,
E em prova de amarmos firmes
Longe hum do outro suspira:

Adeos minha Lyra amada
Adeos, que não posso mais;
Pois se inquieto no peito
Por sahir meus tristes ais.





CARTA XVIII.

MINHA dor he taõ sobeja ,
 Que já me custa a sofrer ,
 Eu ando desobstinado
 Já me naõ posso entender ;

Homizieime co' os gostos :
 Fiz com o pezar amizade ;
 Tudo , tudo me amofina
 Nesta triste saudade.

Em quanto as Cabras trepando
 Se penduraõ dos penedos ;
 Onde contentes despontaõ
 Os Silvestres arvoredos ,

Em quanto as verdes Salgueiras
 Que tem consigo aarrargura ;
 E o montanhez Zambugeiro
 Roem os Cabritos n'altura.

Eu

Eu nas estevas deitado,
Os olhos aos Ceos erguendo ;
Queixome dos duros males,
Dos males, que estou soffrendo.

Queixome da forte aveſſa ;
Da forte aveſſa, e meſquinha ;
Que para eſtranhas ribeiras
Me leva com maõ daninha.

Queixome do máo deſtino,
Que me faz andar aſſim ;
Taõ avejado de magoas,
Que me culta andar em mim.

Depois de ter ſuſpirado :
Depois de ter condoido ;
Com minhas queixas as pedras ;
E ter as aves detido.

Peſſo aos Deozes ſoberanos,
Que para amar me criaraõ ,
Medeixem co' a bella Anarda
Seguir a lei, que dictaraõ.

Naõ respondem ; entaõ vendo,
Que meus gemidos desprezaõ :
A dor irrita os meus males ,
E mais que nunca me pezaõ.

Era melhor naõ ter visto
Do Sol a brilhante lus ,
Que ausente da amada terna ,
Soffrer pezares taõ crús.

Melhor era naõ ter vindo ,
Ter quinhaõ na humanidade ,
Que andar nos montes soffrendo ,
Taõ amarga laudade :

Mas agora , que nascido
Respirar co' os outros vim ,
D' huma vida taõ mofoina
He preciso ver o fim.

He preciso á linda Anarda
Por me haver taõ firme amado ,
Mosstrar suspirando sempre ,
Que naõ mudei de cuidado :

He

He precizo padecendo,
Sua constancia animar ;
Dar-lhe exemplo, que a conforto
Para ileza a fé guardar.

As Pastoras saõ mulheres ;
A's desconfianças dadas,
Quando as julgamos seguras ;
Choramos vellas mudadas.

Vê Lyra de quantos malles
Minha alma está combatida ;
Julga tu qual escolheras,
Se morrer, se ter tal vida.

Mas cada hum viva sugeito,
A' sorte, que recebeo ;
O ditozo ria embora :
Chore o que infeliz nasceo.





C A R T A XIX.

Hoje Lyra sobre hum monte
Me colheo a tempestade;
Mas d'uma alta, erguida penha
Escapei na cavidade.

A fria chuva mui grossa,
Das soltas nuvens cahindo;
E as rajadas com que os ventos,
A fazem cahir zunindo.

O valle, e monte atroavaõ,
Com tempestuozo estrondo;
Hum retrato de minha alma
O dia se me hia pondo.

Entaõ co' a magoa cruenta,
Que por dentro me mordia;
E co' a tristeza do tempo,
Vè Lyra o que eu sentiria:

Se

Se eu entre as flores do prado ;
Se eu da aldeia nos folgares ;
Nunca de Anarda me esqueço ,
Nunca deixo os meus pezares.

Se nenhum gosto consegue
Minha tristeza abrandar ;
Vé tu lá qual estaria ,
Ouvindo os rancos do mar.

Mais que nunca gemi triste :
Mais que nunca suspirei :
Mais que nunca a dor quebrome :
Mais que nunca ali chorei.

Quando os ventos fúrios
Quebravaõ nas penhas duras ,
Minha pobre alma feriaõ
Tristes , crueis amarguras :

Em quanto os tortos regatos
Hiaõ correndo barrentos ;
Meu peito em soltar gemidos ,
Perdia os froxos alentos.

Mas

Mas se eu visse a linda Anarda,
Por ella mesma te juro,
Meu prazer não perturbara,
Da chuva o triste murmuro:

Nem os ventos rugidores,
Nem os sonoros trovões;
Tu viste não conseguiraõ
Ferir os dois corações :

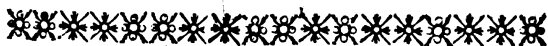
Quando ambos juntos podiaõ
Hum sobre outro palpar ;
Passados de Amor c'o fogo,
Zombavaõ do trovejar.

Se a medonha tempestade
Meu quente sangue esfriou ;
Foi porque hoje della ausente
O teu Myrtillo encontrou :

Amor nos braços de Anarda
Dava-me doce callor ;
Hoje meu sangue regella
Da ausencia o duro rigor.

Tu-

Tudo, Lyra o que te escreve,
 Teu desgraçado Myrtillo;
 Ponderar alguém não pôde
 Sem dentro d'alma sentillo.



C A R T A XX.

NESTA Carta vou contar-te
 Minha Lyra, a magua dura;
 Em que eu gemi, quando a Lua
 Estava na môr altura.

Tudo estava de côr alva
 Onde os seus raios chegavaõ,
 Os sitios porém mais fundos
 Co' a negra côr se enlutavaõ.

Quando os Zefiros dormiaõ,
 Dormiaõ ventos irozos;
 Soltava aos quedos penhascos
 Taes gemidos faudozos.

Ay

Ay Anarda, doce Anarda,
Que ditozo me fizeste,
Quaõ caros me tem sahido
Os gostos, que tu me deste:

Por teus amantes excessos;
Por teus mimos, e favores;
Quantas ancias hei sofrido,
Quantos sustos, quantas dores,

Pelo pranto que verteste
Penetrada de ternura,
Quantas lagrimas me arranca
Esta longa ausencia dura:

Se apertado nos teus braços,
Teus carinhos desfrutei,
Se entre os dois rozados peitos
Arduos beijos soltei.

Se aos teus labios encarnados
Meus ternos labios uni;
Se nelles juntando as almas,
Eu cheio de Amor gemi.

Se

Se com Lyrios , e Papoilas
Enastrei os teus cabelos ;
Se juntei o teu meu rosto,
Se beijei teus olhos belos.

Minha terna , e doce Anarda
Se fui ditozo contigo :
Hoje de ti separado
Gemo triste fó comigo.

Esta maldita distancia ,
Em que me poz o destino ;
Fez-me de alegre , ser triste
Fez-me perder todo o tino.

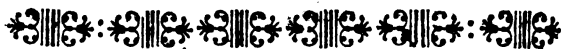
O mais feliz dos amantes ,
Fui de minha Anarda ao lado :
Mas hoje distante della
Sou Lyra o mais desgraçado.

Nada por estes desertos
Tem poder de me alegrar ;
As mesmas aves cantando ,
Augmentaõ o meu pezar.

Se

Se os nossos ternos Amores,
 A ninguém faziaõ mal;
 Porque fazeis altos Deozes
 Nossa vida, taõ fatal.

Sois ovelhas mais ditozas,
 Que o vosso infelis Pastor;
 Por amar eu vivo triste,
 Vós ledas gozais Amor.



CARTA. XXI.

O VENTO, já se mudou;
 Outro mais fresco, e sereno
 Do campo levou a nevoa:
 Do campo onde triste peno.

Já se vem as lizas flores,
 Entre a molhada verdura:
 Por entre os Lyros calada
 Vai a agoa correndo pura.

Pela

Pela emaranhada balsa

A Madre-sylva viçosa,

Se enlaça com os espinhos.

Parece entre elles fermoza.

As brancas flores mistura

Co' os negros cachos de Amoras,

Que picaõ pintadas aves,

Pintadas aves sonoras.

Minha Lyra coitadinha

Se te tivera eu aqui;

Taõ triste naõ suspirára

Como suspiro sem ti.

Quem tem de seu huma Lyra

Taõ doce como eras tu :

Soffrer naõ pode no peito

Hum pezar taõ duro , e cru.

Mas se as minhas saudades

Saõ da meiga Anarda bella,

De nada tu me servirás ;

Nada poderás sem ella.

Lon-

Longe da minha Pastora.

Cantigas não sei cantar;

Sem os seus amantes olhos;

Quebrao-se os meus de chorar.

Minhas fadigas peçadas,

Minhas danozas fadigas,

Respirar me não consentem

De meu viver enemigas;

Sou Pastor afadigado

Com faudades daninhas;

Que em mim fazem mais estrago,

Que a lagarta faz nas vinhas.

Zelos, desdens, faudades;

São males, que traz Amor:

Dos tres soffro as faudades,

Saudade, he o maior.

A que vejo desdenhoza

Suponho de Amor carece;

Por ella suspiro menos,

Pois suspiros não merece.

Aquel-

Aquella , que a outro amando
Por mudavel zelos dá ;
Pela troca injusta , e feia
Indigna de Amor está.

Mas aquella , que constante
Ausente de mim suspira ;
He digna do amargo pranto ;
Que Amor de meus olhos tira.

Saudades são o premio ,
Com que se devem pagar ,
Os queixumes , que derrama
Na ausencia , quem sabe amar.

Minha linda , e doce Anarda
Suspira de mim distante :
Meu nome repete sempre ;
Por mim geme a todo instante.

Por seu Myrtillo suspira
Pela Varzia ; ou na Levada
Por estar em mim cuidando ,
Deixa andar solta a manada.

Dei-

Deixa o gado , que não pensa
 Pastar nos já nados paens ,
 Até vello trazilhado
 Pelos guardadores caens.

Póde ser , que a minha Anarda
 Não guarde tão pura a fé ,
 Mas cad' um os outros julga
 Como na alma cad' um hé.



C A R T A X X I I .

HOJE Lyra em meu curraõ
 Hum papel dobrado achei ,
 Vi nelle hum ramo de Buxo
 Apenas o desdobrei .

Da constancia , em testemunho
 Eu o tinha á Anarda dado ;
 Pois não ignoras , que o Buxo
 Nunca se vio desfolhado ,

Mi-

Minha Anarda entre os dois peitos

O poz logo por fineza ;

Eu por fineza tircilho

Com disfarçada destreza.

Apenas eu hoje o vi ,

Estas cantigas lhe fiz ;

Em premio da faudade ,

Que esperar de novo quiz.

==

Ramo sempre verde

De Buxo viçozo ,

Que nas mãos paraste

D' um Pastor queixozo :

Torna ao sitio , torna ,

Onde já te viste ;

Pois não tens ventura ,

Que esperar d' um triste.

Vai buscar de Anarda

Outra vez o seio ,

Diz-lhe , que me deixas

De mim todo alheio ;

Dis-

Dis-lhe, que molhado,
Nas lagrimas vais,
Que meus olhos vertem;
Que ouviste meus ais.

Que observaste a cór
Do rosto mudada;
Froxa á luz dos olhos
Dispersa a manada.

Que entre o ais queixozos,
Que espalhei ao ar;
O seu doce nome
Ouviste soar.

Mas não vás ainda,
Espera hum momento;
Ah meu peito toma,
Toma novo alento.

Se o pezar te move,
Que vez no meu rosto;
Se acazo tu sentes
Vér o meu disgosto.

Fa-

Faze-me ditozo,
Ou inda mais triste,
Dizendo de Anarda
O que n' alma viste.

Irrita, ou suffoca
Minha desventura;
Dize-me se Anarda
Hade ser perjura.

No seu quente seio
Vite estar contente;
Ah dize-me, dize?
O que nelle sente.

Aquella suave,
E doce calor,
Seria, seria
O que acende Amor.

O coração terno,
Que te fez pular,
Sentiste ah dize?
Por mim suspirar.

Nos tristes gemidos,
Que ouviste sahir
Do peito ; entre os ais,
Que eu tomara ouvir.

Não ouviste o nome
Do infeliz Myrtillo ,
Que a vida hoje dera
Se pudesse ouvi-lo.

Vaite embora , vai :
Dize , que eu cá fico ;
De alegrias pobre,
De tormentos rico.

Que fiquei chorando
Entre o anão gado ;
Queixando-me triste
Do rigor do fado.

Que as penhas : os troncos
As plantas as flores :
Se enclinão quando ouvem
Meus tristes clamores.

Que

Que por escutar-me
Os mesmos ribeiros,
Entretidos ficam
Por entre os Salgueiros.

Que o Tejo veloz
Quando magoado
Suspiro, me escuta
Nas margens parado.

Que os peixes miudos
Em longos cardumes,
A' praia se chegam
Ouvir meus queixumes.

Que já na campina
Porque eu ando assim,
Não ha quem não tenha
Compaixão de mim.

Pede-lhe não queira
Perjura deixar,
A quem na constancia
Mostra sabe amar.

Jura , que eu por ella
Os manlos cordeiros ,
Deixei hoje soltos
Vagar nos oiteiros.

Que tudo deixára
Inda , que o Monarca
Das terras me visse ,
Que o mar verde abarca.

Que se eu de seus olhos
A vista gozára ,
Ser mais felis inda,
Que Amor me julgára.

Se vires não sente
A dor , que me mata :
Chama-lhe por mim
Falsa , vil , ingrata.

Mas alma , que he isto ,
Que me has inspirado!
Não ves , que Myrtillo
Nasceo desgraçado.

A onde o vôo levantas?

Naõ ves, que deliras!

Lembrate, que Anarda

He porquem suspiras:

Anarda perdoa ;

Amor naõ te accuza :

Quem ama reccia ,

Quando o mal naõ uza :

Nestes lastimozos

Versos, o que sinto

Veras: Amor sabe ,

Que eu nelles naõ minto.

Naõ te enfades naõ ,

Contra o teu Pastor ;

Eu julgo em teu seio

Sempre vivo Amor.

Bela Anarda aceita,

Minhas tristes quexas ;

Nestas saudozas,

Mizeras endexas.

Busca

Busca meio Lyra minha

De á Anarda estes versos dar :

Se não pôdes por ti mesma

Ve se lhos podes mandar.



C A R T A XXIII.

SE destes longos valles, para os prados
 Levar algum Pastor hoje a manada;
 Antes, que a loira, e fresca madrugada
 Solte os finos cabelos anelados:

Quando os alvos Cordeiros espalhados
 Saltarem pela relva inda orvalhada;
 Busque por todo o campo a minha amada;
 Essa, que cauza só os meus cuidados:

He piquena de corpo: tem doçura
 Nos olhos, e nas faces: suas cores
 São rubras, e trigueiras de mistura:

No seio, e tranças hade ter mil flores:
 Minha Anarda respira só ternura:
 Guard' em lugar d'ovelhas meus Amores.
 Quando

Quando hoje Lyra acordei
Logo Anarda me lembrou;
E em prova de ser verdade;
Este Soneto lhe dou.

Nelle tu veras de Anarda
Sinaes, que a deixaõ bem ver:
Oxalá, que hoje a podera
Nos meus froxos braços ter.

Se a minha Pastora amada
Pudesse terno abraçar,
Em meus braços espirara
O cruel, negro pezar.

Naõ ha tronco nestes montes;
Que naõ tenha escrito em si,
O nome de Anarda terna
A cujo seio me uni:

Em todos se lê Anarda;
E as letras do nome brando
Para que o tempo as naõ gaste
Vaõ com as folhas guardando.

Sobre

156 C A R T A S P A S T O R I S
Sobre as mesmas penhas brancas
Formei estas letras puras ;
E ha quem diga , que este nome
As pedras fez menos duras.

Quando os Passaros sonoros ,
Cantaõ por entre os Cinceiros,
Repetem de Anarda o nome ,
Com gorgeios mui ligeiros.

Por entre as folhas, que soaõ
Fazendo os ventos rumor ,
Repetem Anarda ... Anarda ...
Lembrete do teu Pastor.

Em quanto as Pastoras guardaõ
Os seus rebanhos queridos ;
Repetem Anarda ... em versos
Que me ouvem cantar sentidos.

Os mesmos gados conhecem
Já por costume este nome:
Naõ pastaõ , quando o escutaõ
Inda que os arraste a fome.

En-

Entre as penhas Eco triste,
Ou no mais fundo dos vales ;
Diz Anarda taõ sentida
Que mostra sentir meus males.

De ouvir-me ja com o uzo ,
Tudo aqui geme comigo ,
Todos sentem minhas magoas
Magoas , que chorando digo.

Todos dezejaõ , que os Deozes
Já condoidos de mim ;
Contigo feliz me fassaõ
Pondo á dura ausencia fim.



C A R T A XXIV.

INFELIZ , coitada Lyra ,
Cujos malles vaõ avante ,
Lyra minha , que nas magoas
Amim es taõ semelhante.

Tu

Tu foste taõ mal fadada
Como o foi o teu Pastor ;
Quanto fomos ditosos
Se nos fosse amigo Amor.

Porém deve consolar-te
O que me anima tambem ;
Anarda merece tudo ;
Por ella soffrer convem.

Tu debes gemer por ella
Pois mil vezes te enramou ;
Com cheirozo Rosmaninho
Que só para ti buscou.

Entre as negras esclavelhas
Os Jacintos misturava ,
Co' os Narcizos , e Junquillos
Que o fresco valle criava.

Tu debes ser-lhe constante
Porque ella te dava flores ;
Fu devo gemer por ella
Porque me deu seus Amores.

Mi

Mil vezes lhe prometeste
Meus ternos versos segundo ;
Que teus sons contente davas
A seu meigo rosto lindo.

Hoje Lyra hum pegureiro
Deume huns versos, que deixei
Honte na ribeira, quando
O gado a beber levei.

São huns versos faudozos ,
Que á minha Anarda compuz ,
Quando ausente de seus olhos
Não vi por tres dias luz.

Eu tos mando nesta Carta
Para tu melhor julgares ;
N'um peito, que tanto amou ,
Que taes seraõ os pezares.

Eu te rogo Lyra minha,
Que os leias com attençaõ;
Pois são versos filhos da alma
Filhos do meu coraçãõ.

Tres

Tres dias ha bella Anarda,
 Que não soa a minha Lyra;
 De meu hombro pende muda,
 Nem se queixa, nem suspira.

Minha voz, em cujas azas
 O teu nome sempre voa;
 Ah minha Anarda adorada
 Tres dias ha, que não soa:

Alegres, nem tristes versos
 Neste espaço todo urdido
 Não tenho Anarda, e apenas
 Amor sabe, o que hei soffrido.

Talvez digas offendida;
 Que o firme, constante voto;
 Que fiz de não passar dia
 Sem dar-te versos he roto:

Ah tu erras se assim pensas,
 Mas Amor teu erro escuza;
 Nenhum guardador faz versos
 Sem que lhos inspire a Muzza.

Mi-

Minha Muza, bella, Anarda
Sempre foi o teu semblante ;
Naõ te vendo, dize como
Queres, que versos te cante :

Mas se o vejo o Deos benigno ,
O terno, e doce Amor inspira
Versos mil, que alegre canto
Ao som, que derrama a Lyra:

O doce fogo, que vejo
Nos teus olhos fuzilar;
Os labios; faces; as tranças;
Ah tudo me faz cantar:

No teu lindo, terno rosto
Colho da Muza os favores;
Como as Nimphas, que ás mãos cheias
Colhem pelo prado as flores.

Vendo-me porém ausente,
Qual regato a quem faltou:
O licor da fonte pura
Assim triste, e mudo estou:

Com

Com os braços encruzados

Corro todo o campo afflito :

E apenas Anarda Anarda ...!

De quando , em quando repito.

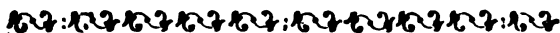
Se queres pois doce amada ,
Que eu cumpra o voto , que fiz ;
Com as graças do teu rosto
Faze-me sempre feliz.

Sempre ao meu lado contente
Dá-me o prazer , que fohias ;
Que eu juro Anarda com versos
Sempre coroar teus dias.

Se tres dias só de ⁼ausencia
Me cauzaraõ tantos damnos :
Vê Lyra , o que teraõ feito
Em mim de ausencia dois annos.

Naõ ha inda tanto tempo ,
Que minha Anarda naõ vejo ;
Mas o tempo crece sempre ,
A ' medida do dezejo.

CAR:



C A R T A XXV.

A H minha sonora Lyra
Onde estão aquelles dias ;
Aquellas ditozas horas ,
Que passar por mim tu vias.

Onde estão aquelles doces ,
Aquelles curtos instantes ,
Em que de Anarda amoroza
Beijava os olhos amantes.

Dias ah ditozos dias !
Dias da minha ventura
Fugisteis , qual do Sol foge
A nocturna sombra escura.

Foste Lyra o instrumento ,
Com que á minha Anarda bela ,
Mil vezes contêi as magoas ,
Que me oprimiaõ por ella :

Fol-

Foste Lyra o instrumento,
Com que mil vezes parar
Fiz ás nuvens ; com que as ondas
'Acalmei no crespo mar :

De alvos Alamos á sombra ;
Dos sempre verdes Loireiros ;
Dos Piatanos deleitozos ,
E dos copados Cinceiros.

Tuas cordas sonorozas
Ferindo com alegria ,
Cantava á mimoza Anarda
Versos , que Amor influa.

De ti só fiava Lyra
Meus amorozos segredos ;
Segredos , que eu occultava
Aos mesmos duros penedos.

Tu meus versos repetindo
Gozaste minhas venturas :
Foste ditoza comigo ,
Hoje distante mormuras.

Tal

Talvez te lembres da tarde ,
Em que eu para acompanhala ,
Muito além dos nossos prados
Saudozo fui buscála.

De meu hombro pendurada
Tu me seguias constante ,
Tu viste como entre todas
Busquei minha Anarda amante.

Com mais ancia não procura
Seu rebanho a réz perdida ,
Quando de roazes lobos
Se vê no monte seguida.

Que eu das feras faudades
Que me seguiaõ fugindo ,
De minha querida Anarda
Fui apoz o rosto lindo.

Tu viste como insensato
A nenhum Pastor falei ;
Em quanto da terna amada
Os olhos não divizei.

*Tom. I.**L**Tu*

Tu bem viste ao encontrála
De meu rosto a rubra côr:
Nos olhos, em todo o rosto
Tu viste sinaes de Amor.

Tu me viste nos seus braços
Meus dezechos animar:
Viste-me gemer ardendo,
E abrazado suspirar.

Que expressões entãõ ouviste
Da boca do teu Pastor:
Sem Amor a ninguem lembraõ
Os ditos, que inspira Amor.

Lembra-te da côr vermelha,
Que o semblante lhe corava;
Naquelle feliz momento,
Em que aos peitos me chegava.

Tu viste... meu pranto corre
Corre sem susto, ou pezar;
Olhos, que não vem Anarda
Devem coitados chorar.

Ao

Ao teu Myrtillo tu viste ,
 Em quanto o folgar durou :
 Como da amoroza Anarda
 Os seus olhos não tirou :

E logo quando tornamos
 A' nossa aldeia outra vez ;
 Viste desgraçada Lyra
 Os mimos , que Anarda fez .

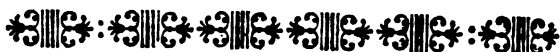
Tu viste como as Castanhas
 Com os dentes me partia ,
 E como ás que eu lhe limpava
 Ella contente comia .

Observaste como firmes
 Em Amor continuamos ;
 Como apezar dos desgostos
 Sem frieza nos amamos .

Se bem me lembro presente
 Estiveste com prazer ,
 A todos os mais excessos ,
 Que Amor costuma a fazer :

Contentes assim nos viste,
 Passar contentes a vida :
 Hoje nos vez desgraçados,
 Em ausencia desabrida.

Mas ah Lyra , que remedio ,
 Gema o pobre coração :
 Queixas , ais , gritos derrame
 Inda , que os derrame em vão.



C A R T A X X V I .

MINHA dura saudade
 Não se cansa de ferir-me :
 Mas sóffro seus duros golpes
 Sempre amante , sempre firme.

Se ella sempre endurecida
 Meu cuidado morto quer ,
 Apezar dasteimas duras
 Heide constante morrer.

A certeza de que gemo

Por minha gentil Anarda :

Para soffrer dá-me forças

Minha alma constante guarda :

Minha Pastora querida ,

He tão meiga , tão galante ,

Que mercede bem as magoas ,

Que aturo della distante.

Tem das Pombas a ternura :

Tem a mansidão do gado ;

He suave como as Rolas ;

Tem de Amor o doce agrado.

Os Deozes queiraõ não tenha

Das nuvens a má firmeza ;

Das Burbuletas o genio ;

Do falso mar a leveza.

Tem os olhos tão amantes ,

Que obrigaõ ás pedras duras ;

A que por elles feridas

Sintaõ de Amor as doçuras.

El-

Elles fazem , que as Rozeiras

Dem flores no escuro Inverno ,
Que o tronco mais velho , e secco ,
Ao doce Amor seja terno :

A's Papoilas, e Boninas

Comunicaõ fogo tal ;
Que o gelo mais frio , agudo ,
Naõ lhes pôde fazer mal.

Tem olhos taõ meigos , ternos ,
Que em meus olhos produziraõ ,
Tal effeito, que elles choraõ ,
Depois, que tães olhos viraõ ;

Tem a limpa , larga frente ,
Liza , e com graça trigueira ;
Mas que importa naõ ser clara
Piza de Amor a bandeira.

Tem cabello hum tanto escuro ,
Onde os pequenos Amores ;
Escondidos soltaõ duros ,
Aguçados passadores ;

As

As lindas faces macias

Dos Morangos tem a côr :

São encarnadas Cerejas ,

São faces , que abraza Amor.

A miuda boca doce ,

De proposito foi feita

Para berço dos Amores ,

He boca aos Deozes aceita.

Os mimosos labios , rubros ,

Mais doces , que o doce mel ;

Naõ posso , Lyra , pintalos

Com taõ áspero pincel.

Sómente dizerte posso ,

Que taõ rubra , viva côr :

Naõ tem os vermelhos cravos :

Naõ tem outra alguma flor.

Os miudos , alvos dentes ,

Tem oh Lyra tal brancura ;

Que as brancas flores da Murta

Naõ os excedem na alvura.

El-

Elles entre si guardada

Huma doce lingua tem ,
Lingua , que por tantas vezes ,
Me chamou seu doce bem.

Lingua com que me tem dito ,
De Amor coizas nunca ouvidas ;
Finezas , que só proferem
Almas de Amor acendidas.

Lingua , que terna falando
Me abrazava o terno peito ;
Lingua , que ao triste My:tillo
Homem de fogo tem feito.

Naõ repares , se eu parado ,
Fiquei na ditoza boca ;
A ella minha alma unida ,
A mais dizer me provoca ,

Dos inda novos dois peitos
Queria tambem fallar :
Os velhos porém severos
Mandaõ-me a voz suffocar,

Mas

Mas que importa, que elles queiraõ,
De Amor o trono emcuberto:
Se a constante natureza
O mostra ao menos esperto.

Naõ quero emfim, que meus versos,
Sejaõ julgados capazes;
De explicar misterios claros;
Quero c' os velhos ter pazes.

Eu naõ quero dizer mais,
Já basta, o que tenho dito:
Calo-me, pois finto o peito
Com dores novas affito.

De minha querida Anarda,
Quiz a belleza pintar:
Para veres, que em minha alma
Sube o retrato guardar.

Naõ ha provas de constancia;
Que eu lhe naõ tenha dado:
Amor queira, Amor permita
Que naõ tenha em yaõ chorado.

CAR-



CARTA XXVII.

A NOITE vagarosa ,
No carro azul sentada ;
De sombra a mais delgada
Nos vai toldando o ar :
Em quanto Anarda á praia
Me escuta suspirar.

Os Mochos sacudindo ,
As azas penugentas ;
A's nuvens macilentas
Se querem remontar.
Em quanto Anarda á praia
Me escuta suspirar.



Das

Das Rans, o canto rouco,
Nos charcos paludozos,
Meus tristes ais queixozos
Não deixa resoar.
Em quanto Anarda á praia,
Me escuta suspirar.

A' rota penedia,
Que o verde musgo veste;
Feróz, raivozo enveste
Bramando o negro mar.
Em quanto Anarda á praia
Me escuta suspirar.

Meu curto, pobre barco
Em branca espuma envolto;
Da praia longe, solto
Nas rochas vai quebrar.
Em quanto Anarda á praia
Me escuta suspirar.



No pino a branca Lua,
 De nuvens mil cercada;
 Não pode já coitada
 Seus raios espalhar.
 Em quanto Anarda a praia
 Me escuta suspirar.

=

Minha amada triste Lyra
 Se vires nossa Pastora:
 Estes meus versos lhe entrega,
 Que acabei de urdir agora.

Inda queixoza suspiras,
 Suspiras por teu Myrtillo,
 Aqui troncos, e penedos
 Estaõ cansados de ouvilo.

As horas da fusca noite,
 Por mim passaõ mui cuidozas,
 E até julgo, que se ficaõ
 Para escutarme piadozas.



CARTA XXVIII.

MUITO tempo ha Lyra minha ,
Que não ves huma só Carta,
Isto prova que o mau fado
De me ferir não se farta.

Tem-me feito a saudade
Taõ amargo o viver,
Que de meu não tenho instante
Fogeme o tempo a gemer.

Arrasto huma triste vida
Mais pezada do que o chumbo ;
Com as affições não posso
De que por Amor me incumbo.

Os dias saõme cumpridos
Passaõ por mim vagarozos ;
Mas quando não foraõ grandes
Os dias aos faudozos.

Os

Os dias faço-me enfadonhos;

Inda nos mesmos folgaes;

Ando fugindo da gente

Para os desértos lugares.

Ando como homiziado

Buscando na espessa brenha;

Os apartados desvios,

Que alguém pizado não tenha.

Para alivio das lembranças,

Que me tiraraõ o tino;

Que fazem, que o mesmo sono

Hoje me seja mofo.

Pelas encostas dos montes:

Pelas picantes balceiras:

Pelos cumpridos valados:

Entre espinhozas piteiras.

Co' Anarda pintada n'alma

Colho os Oregos cheirozos:

A orvalhada Madre silva

Frescos murtinhos viçosos.

Logo

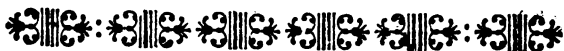
Logo amante fasso croas,
Iguaes na grandeza a aquellas,
Com que de Anarda cercava
As finas madexas belas.

Pelos galhos dos Loireiros
Saudozo as dependuro,
Sobre ellas chilrando as aves
Fazem hum doce murmuro.

Como ellas saõ monumentos
D'huma fiel lealdade,
Das aves o terno canto
He canto de saudade.

Nisto gasto Lyra minha
Hum tempo, que he desgraçado,
Porque passa sem mostrar-me.
O lindo rosto engraçado.





CARTA. XXIX.

MINHA Lyra aqui chegaraõ
Noticias do triste estado:

A que te ves reduzida
Nesse tronco desfolhado.

Alguns Pastores amigos

Dizem fazes compaixaõ ;
Que as chuvas teu seio inundaõ ,
Que sofres o mal suaõ.

Que naõ tens huma só corda:

Que as escravelhas cahiraõ :
Que os movera a piedade
O desprezo , em que te viraõ.

Contaõme todos a huma

Como triste suspiravas ;
E a quantos por ti passavaõ ,
Triste de mim te queixavas.

Ref.

Respondilhes suspirando,
Minha Lyra não faz bem;
Se acazo de mim se queixa,
Pois eu padeço também.

Queixar-se-hia com razão
Do secco ramo pendente;
Se á noticia lhe chegasse,
De que eu vivia contente.

Mas se eu triste vivo aflito;
Se gemo de noite, e dia;
Que muito, que minha Lyra
Tambem gema em agonia.

He ella d'um infeliz
Instrumento desgraçado;
Pois gema, e em parte sofra,
O que por mim tem passado.

Em quanto da ausencia dura,
Não chegar a ver o fim:
Dizei-lhe que abandonada
Hade suspirar por mim

Tom. I.

M

Que

Que em quanto de Anarda ausente,
Meu triste peito suspira;
Não deve soar alegre
A minha querida Lyra.

Que pessa aos celestes Deozes,
Ponhaõ fim á dura ausencia:
E senaõ, que á dor fugeita
Padeça com paciencia.

Que em quanto vive o Pastor,
Que ao brando peito a chegava
Que em quanto viveo alegre
Alegres versos lhe dava:

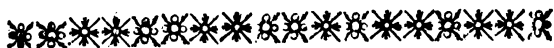
Deve muda padecer
Rigores da má ventura,
E do seu Pastor queixozo
Lamentar a sorte dura:

E esperar, que o vil destino
Ou se farte de o ferir;
Ou do peito já cansado
Lhe faça a vida sair.

En-

Então sim, então bem pôde,
Vendo morto seu pastor,
Dar-se a outro; mas que veja
Que isso prova pouco Amor.

Lembra-te queixoza Lyra,
Que no fim das tempestades;
Assim como a sombra foge
Podem fugir saudades.



CARTA XXX.

NAS margens do fresco Tejo
Estendido sobre a areia,
Hoje suspirava triste
Co' os olhos postos na veia.

Na veia, que socegada,
Hia para o mar descendo,
Em quanto eu saudozo,
Em vão ficava gemendo.

M ii

A-

Avistaraõ-me de longe

Huns amigos Pescadores,

Que em tristes versos gustavaõ

Ouvirme cantar de Amores.

Era pela madrugada,

E com as redes nodozas,

Vinhaõ apanhar nas agoas

As Fatafas laborozas.

Depois de co' as longas redes

Abarcarem todo o rio,

Saltaraõ na praia donde

Teu 'Pastor chorava em fio.

Logo todos me cercaraõ,

E me pediraõ rendidos;

Que em quanto as redes pescavaõ

Suspendesse os meus gemidos:

Que alguns versos repetisse,

Dos que a paixaõ me dictava;

Daquelles, que o manso Tejo

Com gosto de ouvir parava.

Sa-

Sabendo, que os Pescadores,
Gostão lhes falem do mar;
Como os Pastores gustamos
De em gados ouvir falar.

Seguindo constantemente,
O que a saudade diz,
Co' estes versos piscatorios,
Comprir seus dezejões quiz.

Adeos barco; adeos oh redes;
Adeos praias; adeos mar;
Adeos, que me leva Amor
Minha Anarda a procurar.



Anarda ! quem do meu lado
Te affastou , triste de mim ;
E pude dormir assim
De minha Anarda apartado :
Dai-ma vós ; que magoado
Gemer por ella me vedes :
Quem es tu , que a Anarda impedes
Vir a meu seio ? em que parte
Estás ? mas eu vou buscar-te ,
Adeos barco , adeos oh redes.

Dos montes mais levantados ,
No seio escuro entrarei ,
Onde retumbar farei
Seu nome com altos brados
Pelas brenhas , pelos prados
Minha Anarda heide buscar ;
Por ella vou preguntar ;
Aos gados , feras , aos montes ,
Troncos , penhaços , ás fontes :
Adeos praias , adeos mar.

Ah Nercidas ! fofegado

Tende hoje o mar nesta praia ;

Onde o barco a esta alta Faia

Deixo ficar amarrado.

Tende-me nelle cuidado ,

Que eu em pago do favor

O Savel , que houver maior ,

Dar-vos por Neptuno juro :

Ah meu barco estás seguro

Adeos , que me leva Amor.

Adeos Frexos , e Salgueiros

Onde as redes enxugava :

Adeos ageas , que cortava

Com remos sempre ligeiros.

Adeos ternos companheiros

Com quem hia ao alto mar ;

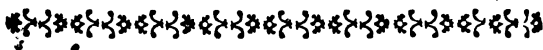
Meu barco se preguntar

Alguem por mim , e onde estou :

Dize que Amor me levou

Minha Anarda a procurar.

CAR-



CARTA XXXI.

LEMBRANDO-ME Lyra triste
De que a longa, e crúa dor;
Aos meus já cansados dias
Ha de fim ditozo pôr.

Desejando, que memoria
Fique sempre entre os Pastores,
De que Anarda, e seu Myrtillo
Morreraõ por ter Amores.

Pelos troncos, pelas penhas;
Deixo em versos triste exposto,
O estado em que a ausencia dura
A mim, e á Anarda tem posto.

E depois de nossa historia,
Ter em mil partes escrito,
Com mão tremula, entre queixas
Que soltava o peito aflito.

No lizo, engrossado tronco
D'uma copada Nogueira,
Que regaõ as frescas agoas
Desta vistoza ribeira.

Lembrado de aquelle tempo
Em que á minha Anarda eu dava;
Ou flores, ou doce fruta,
Que para lhe dar buscava:

Vendo como o negro Inverno
Vai tudo a saque metendo,
Estes versos escrevi,
Que hirás com suspiros lendo,

Naõ cuides naõ, que de Anarda
As posses, e alta nobreza,
Me obrigaõ a excessõ tanto
Quem me obriga he natureza

Anarda , o negro Inverno desdobrando
As longas , crespas azas vem dos prados
Lançando fóra nossos pobres gados ,
Que já se ajuntão pavidos balando :

Co' a frigida geada vai crestando
Os cheirozos Jasmins taõ cubiçados :
As Papoilas , Boninas , e os doirados
Giraffois para a terra vaõ dobrando :

Dos verdes ramos desprendeo a fruta :
Secca da Murta a flor em toda a parte :
A Laranja inda está pouco madura :

Teu Myrtillo infeliz da sua gruta ,
Te envia , pois não acha mais que dar-te
Doces lembranças , que com ais mistura.



CAR-



CART A XXII.

CONSEGUI querida Lyra,
Que os meus constantes Amores,
Hoje sejaõ conhecidos
Pelas Nimphas, e Pastores.

Como os de Leandro, e Hero,
Que taõ tristes acabaraõ:
Como os de Piramo, e Tysbe
Que as Amoras arroxaraõ.

Todos os que aqui tem alma,
Capaz de gostar de versos;
Lamentaõ de meus Amores
Successos taes, taõ adversos.

Mas os rusticos, e rudes,
Que tem alma taõ brutal,
Que jámais de affectos muda
Cantem bem, ou cantem mal.

Zom-

Zombaõ de meus tristes versos,
Sem pensarem mais iguaes,
Que o louvor he vituperio
Quando sahe de bocas taes.

Se os versos de Orfeo ouviaõ
Penhas; e as feras hirsutas,
As almas, que delles mofaõ
Saõ mais duras, saõ mais brutas.

Devem pois, se passar querem,
Por homens de sã razãõ:
Fingir, que gostaõ dos versos,
Inda que os oissaõ em vaõ.

Ah fujaõ de todo aquelle,
Que contra as Muzas teimar;
Pois com almas deste lote,
Bem nenhum ha que esperar.

Quem d' Amores for inimigo,
Evitem, pois de alma tal;
Que se oppoẽm a natureza,
Vir naõ póde se naõ a mal.

CAR-

C A R T A XXXIII.

MINHA Lyra abandonada,
Que longe de mim suspiras:
D' Amor te livrem os Deozes,
Livrem-te de suas iras.

Se do tronco onde ficaste
Alguem te quizer tirar;
Declara, que es de Myrtillo,
Que elle te deixou ficar.

Que respeite os Cardos seccos,
De que ficaste enrramada:
Pois de hum triste a Lyra deve
Nao ser por alguem tocada.

Que es infeliz instrumento,
Que o negro pezar enluta;
Que ha ja tempo, que de pranto
Te nao podes ver enxuta:

Que

Que tiveste a desventura

De ser teu dono hum Pastor,

Que nascendo á Amor fugeito

Desgraçado he por Amor.

Que já foste venturoza :

Que já loaste contente :

Que tiveste cordas de oiro :

Fita em laços côr ardente

Que de fresca Mangerona ,

Que misturavaõ co` as Rozas

De minha amoroza Anarda

Vestiaõ-te as mãos fermozas :

Que mil vezes suportaste

O pezo de mil Amores ,

Que pouzar sobre ti vinhaõ

Trazendo o cheiro das flores.

Que hiaõ sobre ti ficando

Taõ juntos taõ apinhados ,

Que muitas vezes nas azas

Ficavaõ teus sons paradds.

Que

Que á vista da meiga Anarda
Como o gado ante o Pastor,
Respeitosos se ficavaõ
Sem fazer algum rumor.

O alvo lenço despregando,
Ella ás vezes os chamava,
E entre os dois rozados peitos
Carinhoza os abafava.

Declara como invejoza
Muitas vezes te calavas,
Mostrando no teu silencio,
Que ser Amor dezejavas.

Dezejavas da Pastora
Junto ao seio respirar;
No fogo de minha Anarda
Te querias abraçar,

Dize a todos, que chegaste
A ver de Amor a ventura,
Mas que hoje observas coitada
Que hum feliz Amor não dura.

CAR-



CARTA XXXIV.

O XALA' me eu visse Lyra
 Onde as plantas, onde as flores,
 Eraõ mudas testemunhas
 De meus constantes Amores.

Oxalá eu vira as penhas
 Para as quaes triste apontando;
 A minha Anarda pedia
 Tivesse o peito mais brando.

Se eu me vira em nossos prados
 Onde os Faunos, chucalheiros
 Invejavaõ meus Amores,
 Meus Amores verdadeiros:

Inda que a minha desdita
 Fosse Lyra taõ crescida,
 Que sem ver a linda amada
 Em gemer gastasse a vida:

Com

Com os troncos, penhas, flores,
Minha dormitigaria,
Da ausencia dos bellos olhos
Saudozo trataria.

E a certeza, em que ficava,
De que elles a conheciaõ;
De que os gostozos segredos
De meu doce Amor sabiaõ.

Certamente abrandaria
Meu saudozo pezar:
Muito vallè com que sabe
Occultas magoas tratar.

Lembrou-me hoje muito cedo
Huma letra, que cantava
Minha Anarda, e eu em tanto
Alegre teus sons lhe dava.

Destá ausencia o mal prevendo,
Vinha a cantiga a acabar;
Olhos meus chorozos olhos,
Vosso officio he chorar.

Tom. I.

N

Lem-

Lembrado destes dois versos ,
 Cantei hoje estas cantigas ;
 Eu tas mando , pois com ellas
 Sei que teus males mitigas.

=

Bella Anarda , que meus olhos
 Já cansados de buscar ,
 Nestes campos ver não podem
 Tu sempre me has-de lembrar.
 Olhos meus , choroços olhos ,
 Vosso officio he chorar.

Por mais , que o fero destino
 De ti me queira apartar ;
 Inda ausente , apezar delle
 Tu sempre me has-de lembrar.
 Olhos meus , choroços olhos ,
 Vosso officio he chorar.

Em quanto Anarda em meu peito
 Hum coração palpar ,
 Que tão rendido te adore
 Tu sempre me has-de lembrar
 Olhos meus , choroços olhos ,
 Vosso officio he chorar.

Nas

Nas campinas, junto ao rio:

Nos fundos valles, no mar;

Ou na aldeia, ou na cidade:

Tu sempre me has-de lembrar.

Olhos meus, choroços olhos,

Vosso officio he chorar.

Quando nos vastos Salgueiros

Philomela se queixar:

No fogo de Amor ardendo;

Tu sempre me has-de lembrar.

Olhos meus, choroços olhos,

Vosso officio he chorar.

Quando vir os niveos pombos

Nos jogos de Amor cançar:

Quando os vir mais abraçados

Tu sempre me has-de lembrar.

Olhos meus, choroços olhos,

Vosso officio he chorar.



Quando vir os Corvos roucos,
 Sobre os chopos negrejar;
 Pela côr de teus cabellos
 Tu sempre me has de lembrar.
 Olhos meus, choroços olhos
 Vosso officio he chorar.

Quando vir alguma Nimpfia;
 A longa trança soltar;
 Por ser a tua mais longa,
 Tu sempre me has de lembrar.
 Olhos meus, choroços olhos
 Vosso officio he chorar.

Sempre, que as rubras Papoilas
 Pelos prados encontrar;
 Pela côr de tuas faces,
 Tu sempre me has de lembrar.
 Olhos meus, choroços olhos
 Vosso officio he chorar.

Quan-

Quando vir as duras penhas
Onde quebra irado o mar;
Por seres mais, que ellas branda
Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vossos officio he chorar.

Bem sei Anarda, que ingrata
Meus laços pódes quebrar;
Mas inda partidos elles
Tu sempre me has-de lembrar.
Olhos meus, chorozos olhos
Vosso officio he chorar.

Minha Lyra es⁼ mais ditoza
Que teu infeliz Pastor;
Valle mais soffrer o Inverno,
Que os desconcertos de Amor.



CARTA XXXV.

Os Pastores Lyra minha ,
Destes campos onde estou ;
Tem os animos avessos ;
A inveja a todos danou.

Andaõ-se os rostos cortando ;
Sem fizo , vergonha , ou pejo :
Meus duros males aumentaõ
Sem razões , que entre elles vejo.

Se os homens em toda a parte
Saõ Lyra quaes saõ aqui ,
Eu me pejo , porque entre homens
De taõ má laia nasci.

Huns saõ falsos ; retrahidos ,
Soberbos , vis , intrigantes:
Outros as más almas cobrem
Com enganosos semblantes.

Elles

Elles minha doce Lyra,
Tem taõ boa condiçaõ ;
Tem almas , taõ fans , e puras :
Tem taõ nobre o coraçãõ.

Que ao teu Pastor desgraçado ,
Que em paz os deixa viver ;
Que por genio , por officio
Seguilos no mal naõ quer,

Que do gado , e fato alheio ,
Nunca diz , se he máo , ou bom :
Que delles nunca faz mofa
Inda ao cantarem sem tom :

Andaõ de noite , e de dia ,
Quaes vis cachorros ladrando :
Minha gasta paciencia
Com teimas novas gastando.

Huns mordem meus pobres versos ,
Porque os naõ fazem melhores :
Outros saõ taes , que se finaõ
Porque eu te fallo de Amores

Elas-

Blasfemaõ, porque eu lhe digo

Que tenho no feio Amor:

Taõ rudes, que naõ reparaõ

Ser mais feio o feu rancor.

Naõ deixo coitada Lyra,

De nos outros meter maõ:

Por julgalos inocentes

Ja sei Lyra o que elles saõ.

Se fazer quizeffe aos outros

O que me fazem a mim:

Canfaria logo a foice,

Sem ver da ciara o fim.

Mas os verfos mal dizentes

Nunca te eu fiz entoar;

E ainda, que as raiva os desse

Nunca os viria a cantar.

A' força de pensar muito,

A vil discórdia aborreço;

Por genio, da vil calumnia

Vendo o semblante estremeço.

A ellas, e a elles vejo,
Com os crimes ajojados:
Sabem lhes sei das mazelas:
E inda gritaõ descarados.

Perseguemme aquelles mesmos,
Que me daõ tanto a falar:
Bom será se a paciência,
Onde elles querem chegar.

Cada qual tendo o telhado
De fragil vidro luzente:
Atiraõ ao meu pedradas
Ao meu que a penas se sente.

Atiraõ, e o pior he,
Que me atiraõ confiados;
Queira Deos, que ao vir da festa
Naõ digaõ mal dos cajados.

Mas se elles se afoitaõ tanto,
He porque sabem mui bem;
Que Mirtyllo he melhor que elles,
Que avessa alma nunca tem.

Huma

Huma vez, que sou humano
 Não me atrevo a perseguir;
 Animaes de minha especie
 Antes os quero servir.



C A R T A XXXVI.

COMO está deserta a praia:
 Como está sereno o mar;
 Apenas a ruiva areia
 As ondas podem molhar.

Parece todo estendido,
 Verde vidro transparente:
 Bate nas algozas penhas
 Taõ brando, que se não sente.

As belas Ninfas mimozas,
 Nadaõ ao cimo das agoas;
 Taõ alegres, que parece,
 Que nunca tiveraõ magoas.

Seus

Seus cabelos desatados ,
Livremente andaõ boiando ;
Do sol parecem cabelos
Sempre que ao pôr vai chegando.

Co' as pernas alvas , e os braços
Batendo o sereno mar ;
O fazem luxurioso
Por entre ellas espumar.

De quando , em quando apparecem
As carnes lizas nevadas ,
Cuja vista o sol faz quedo,
Por entre as nuvens doiradas.

Ellas seriaõ capazes
De meus dezejõs prender ;
Se meus dezejõs pudessem
A' linda Anarda offender.

Em quanto de espaço , a espaço
Manso o mar se baloiçava ,
Ou sobre a miuda areia
Na praia se espreguiçava,

Huá

Húa das Nereidas bellas,
Que de longe me avistou,
Mirtillo na praia temos
Com aguda voz gritou.

Logo c'os globozos peitos
O dormente mar cortando;
Para a praia onde eu estava
Veio de tropel o bando.

Logo a praia todas nuas
Vem buscando em brevidade ;
Todas nuas sem ter pejo
Pois no mar não ha maldade.

Sentaõ-se entorno de mim,
E logo huma mui fermoza
Pedio-me, que ali cantasse
Versos a Anarda mimoza.

Eu que entre ellas não sentia
Menos froxo o meu pezar,
Com voz triste, e mui cansada
Taes versos soltei ao ar.

Ma-

Madidos Deeze;
Tritoens amantes;
Ninfas galantes:
Ouvidos dai
Lagrimas tristes
Por mim falai

Ferventes ondas,
Que ao Ceo subiz,
D'um infeliz
A' voz parai.
Lagrimas tristes
Por mim falai.

Prendei os barcos ,
Oh pescadores ;
De meus clamores
Ao som ficai.
Lagrimas tristes
Por mim falai.

Montes, e prados:

Rochedos brancos:

Plantas, e troncos:

Meu mal chorai.

Lgrimas tristes

Por mim falai.

Sonoras aves,

Vede meu pranto;

Se eu triste canto,

Tristes cantai.

Lgrimas tristes

Por mim falai

Miudos peixes,

Que hides nadando,

Meu verso brando

A ouvir chegai

Lgrimas tristes

Por mim falai

Da arpera Serra ,
Deixando as grutas ,
Oh feras brutas ,
A qui parai.
Lagrimas tristes
Por mim falai

Vinde escurtar-me
Ternos Pastores ,
E aos meus Amores
Suspiros dai
Lagrimas tristes
Por mim falai.

Ouvi oh Deozes !
Meus votos puros ,
De ser-me duros
Cansai , cansai.
Lagrimas tristes
Por mim falai.

De minha Anarda ,

Ligeiros ventos ,

Beijos aos centos

Hoje me dai.

Lgrimas tristes

Por mim falai.

Delles em paga

A' terna amada,

Minha cansada

Alma levai.

Lgrimas tristes

Por mim falai.

Em quanto Lyra ⁼ canter ,

Todos mudos me escutavaõ :

Ouviraõ-me as ondas quedas :

Nem os favonios sopravaõ.

=





CARTA XXXVII.

TALVEZ Lyra já repares
Nas cartas, que te eu envio,
Por todas hirem molhadas
C'um pranto, que verto a fio.

A malvada forte minha
Sempre em ferir-me presiste :
Roubou-me Anarda, e por isso
Sempre no canto sou triste.

Vago de mim todo fóra
Pelas alpestres ladeiras,
Arrastado por meus malles,
Por minhas longas cancelas.

Ando magro, e amarello,
Olhos roxos de chorar :
Quasi sempre trefnoitado ;
Sempre entregue, ao meu pezar.

Tom. I.

O

Hou-

Houve tempo em que ditozo,

Governei ditozo gado :

Hoje as ancias me governaõ ;

Sou de magoas governado.

Em perder a minha Anarda ,

Naõ perdi só meus Amores ,

Meus Amores carinhosos,

A quem dou tantos clamores.

A graça perdi , e a arte

Com que entrava em desafio :

Fui louçaõ , já fui brioso ,

Hoje sou Pastor sem brio.

Perdi o prazer sincero ,

Que me dava a louçainha :

Naõ tendo Anarda , naõ tenho

Nenhum dos bens , que antes tinha.

Perdi fizo ; perdi tino :

Perdi o Amor á manada ;

Anarda me enriquecia :

Sem ella naõ valho nada.

Vivi só por minha Anarda :
Só para Anarda nasci :
Ati Lyra , ao campo , a tudo :
Só por Anarda morri.



C A R T A XXXVIII.

MINHA Lyra os Deozes Santos ,
Te livrem do ardente estio :
Teu mal as Aves divirtaõ
Modulando ao desafio.

Do nosso ditozo Tejo ,
Desci honte á fresca praia ;
Pela branda luz guiado ,
Que espalha o Sol quando raia.

Os Favonios inquietos ,
Com os Zefiros ligeiros ,
Voavaõ por entre os Frexos ,
Adejavaõ nos Salgueiros.

O ii

Cor-

Corria sereno o Tejo,
Talvez fosse pensativo,
Cuidando nas feras magoas,
Na crua dor em que vivo,

Naõ vi pelas margens longas
Sinal de gado, ou Pastor;
Nem sobre a mansa corrente
Barco, rede, ou Pescador.

Sómente ao longe vi prezo
D'um enramado Salgueiro,
Co' a prova cravada em terra
Hum mui piqueno saveiro.

Vendome ali separado
De todo mortal vivente:
Comecei desta arte aflito
A dizer o que a alma fente.

Verdes Frexos, e Salgueiros,
Choupos faias levantadas,
Penedos, miuda areia,
Agoas do Tejo delgadas.

Chei-

Cheirozas , rasteiras plantas ;
 Frescos Lyrios , lindas flores ;
 Escutai vosso Myrtillo
 Escutai os seus clamores.

Escutai as magoas tristes ,
 Que hum peito triste derrama
 Magoas , que sempre atormentaõ
 Aos seios , que Amor inflama.

Rudes troncos sem razeaõ
 Ouvi hum queixozos ais
 Ais , que folto amargurado
 Ferido de anhas mortais ,

Ouvi huns ais disonantes
 Que aos homens fazem furor
 Os homens estaõ perdidos
 Desprezaõ os ais d'Amor.

Quando vejo , que se enfadaõ
 Por eu nos versos mostrar.
 Que em mim guardou natureza
 Huã alma capas de amar.

Pe-

Peço-lhes, que se enfureçam
 Com a-agoa porque molha :
 Com o fogo porque queima
 Com os Frexos por dar folha.

Mas choro não por ser pobre
 De campos, de choça, e gado :
 Amor a pezar de tudo,
 Amor faz-me desgraçado.

Pedras, troncos que insensíveis
 Ignorais de Amor os damnos,
 Escutai, quem vos procura
 Fugindo aos duros humanos.

Amor descorou meu rosto ;
 Fez-me os olhos amarellos :
 De roxo tingiu meus labios,
 Empeçou os meus cabellos.

Os Amores de Myrtillo :
 Deraõ cabo do rebanho,
 Derramado quasi sempre
 Pasta livre em campo estranho.

A'

A' minha sonora Lyra
Meu Amor deu triste fim;
Eu longe della suspiro,
Ella suspira por mim.

Do galho d' um Chopo antigo
A deixei dependurada,
As aves sobre ella cantão,
Ella as escuta calada.

Talvez se lembre do tempo;
Em que Myrtillo espalhava;
Ao som das doiradas cordas
Versos, que Amor lhe dictava.

Talvez se lembre do tempo
Em que as Grâças, e os Amores
Sobre Anarda, e no seu vate
Lançavaõ pintadas flores.

Naquelle ditozo tempo
Minha Anarda a enramava;
Punha-lhe escolhidas cordas;
Que eu louco de Amor pulsava.

Em

120 CARTAS-PASTORIS

Em quanto vivi contente
Foi ditoza minha Lyra;
Mas hoje, que gemo triste
Coitada tambem suspira.

Nas minhas felicidades
Foi-me certa companheira:
Mas hoje nos meus desgostos
Ve-se dos malles herdeira.

A' vista da bella Anarda
Momentos doces tivemos,
Mas hoje distantes della
Tristes de nós que faremos?

Gemeremos noite, e dia
Nossos queixozos gemidos
Oicão Lyra as nuvens soltas
E os penedos bipartido?



CARTA XXXIX.

INFELIZ , choroza Lyra
Tu gozas d' huma ventura ,
Que ao teu Pastor não concede ;
A' tirana sorte dura.

Co' as minhas queixoza cartas ,
Que te leva o fresco vento
Consoleite nesta ausencia ,
Adocei o teu tormento.

Mas eu que gemo distante
D'um bem, que distante adoro:
Sem Cartas, sem novas della
Suspiro... soluço... choro..

Das Sagradas, puras Nymphas
Vou triste á lombria gruta ;
E de Pan aos pés lançado
Ais solto, que mudo escuta.

Pe-

Pego-lhe naõ, que as ovelhas
Cordeiros me dem dobrados:
Longas ciaras naõ peço:
Naõ peço estêndidos prados:

Naõ peço de leite dornas,
Que tantos queijos me dem;
Quantos saõ os Mal-mequeres,
Que o Tejo nas margens tem.

Quantos cordeiros possuo,
Naõ dezejo ter colmeias:
Dos Faunos os dons naõ quero
Nem os mimos das Napeias.

Só peço de minha Anarda,
Os amantes olhos ver:
Aquelles amantes olhos,
Que assim me fazem gemer.

Ver de minha Anarda o rosto,
He sómente o meu dezejo:
Dezejo, que ha-de acabar-me
Se brevemente a naõ vejo.

On-

Onde está a doce amada ?

Onde estão os meus Amores ?

Onde está o lindo objeto

De meus cansados clamores ?

Onde está a doce amada ?

Onde está , que tanto tarda

Ide Zefiros ligeiros

Buscar-me , a gentil Anarda.

Levai-lhe nas brandas azas ,

Meus saudozos gemidos :

Contai-lhe meus duros malles

[Malles por mim padecidos.

Se ao levardes esta Carta

A encontrardes n' algum prado :

Contai-lhe com tristes vozes.

O que por mim tem passado.

Dizei-lhe , que de Myrtillo ,

As faces já não tem cor :

Que os cabelos não entrança :

Que he só de magoas Pastor:

Que

Que em prova de que no peito
 Seu nome constante guarda;
 Pelos campos, praias, vales;
 Grita Anarda... Anarda... Anarda..

Dize-lhe, que nos instantes
 Em que me julga esquecido;
 Lhe mando os meus tristes versos,
 Que hei com pranto humecido.

Que não ha por estes prados
 Huma planta, huma só flor;
 Que não tenha dô dos males,
 Que padece o seu Pastor.

Recebe queixoza Lyra
 Estes meus ais derradeiros:
 Ultimos ais, que derramo
 Entre ovelhas, e cordeiros.

Vale mais qual bronca pedra
 Não ter alma para amar;
 Que longe da amada terna
 Defterrado suspirar.

Adcos

Adeos oh querida Anarda!

Minha voz não pode mais:

Da minha ileza constancia

São testemunho os meus ais.

Quem separarnos procura

Mais ateia o nosso ardor:

Não quebraõ humanos braços

Algemas que forja Amor.

Fim do primeiro Tome.



N' examine dans mes ecrits
Ni l'ordenance, ni l'estyle :
Le senti^{ment} en fai le prix :
Ton esprit brillant, et fertile
A le droit d'etre difficile :
Mais c'est pour ton cœur que j'ecris.

Bern. ep. 8.









